



5º CONGRESSO
VOCACIONAL
DO BRASIL



COMUNIDADES
VOCACIONAIS
ENCONTRO TESTEMUNHO E MISSÃO

"Perseverantes e bem unidos, partiam o pão pelas casas"
At 2,46

Sumário

LISTA DE SIGLAS	7
APRESENTAÇÃO	9
TEMA E LEMA	11
IDENTIDADE VISUAL	15
OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
ORAÇÃO DO 5º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL	17
HINO DO 5º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL	18
INTRODUÇÃO	19
Os congressos anteriores	19
O Texto-Base	22
PARTE I: EXEGESE	25
Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações	26
Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum	28
Frequentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade	30
PARTE II: ENCONTRO	33
A dimensão vocacional da Iniciação à Vida Cristã	35
A chamada vocacional no primeiro anúncio	36
O conteúdo vocacional no catecumenato	37
A experiência vocacional nos sacramentos da Iniciação Cristã	38
A inserção mistagógica na comunidade vocacional	38
O caráter iniciático da Animação Vocacional	39
Despertar para a vocação	40

Discernir e acompanhar a vocação	41
Cultivar a vocação	42
Perfil das juventudes	42
Encontrar os jovens e despertá-los para o chamado vocacional	43
Os jovens como “agora de Deus” e protagonistas da história	44
Os jovens, o discernimento e o acompanhamento vocacional	45
Cultivar a vida interior	46

PARTE III: TESTEMUNHO

Testemunhas de novas relações	51
Atitudes Vocacionais	52
Unidade e comunhão	52
Vocacionados à sinodalidade	53
O discernimento	54
Conversão das atitudes	55
Novas relações	56
O sonho de novas comunidades	57
Comunidade: espaço da escuta	57
Comunidade: espaço do afeto	58
Comunidade: espaço do servir	59
Comunidade: espaço de comunicar	60
Partir do coração do Evangelho	61
Prudência com a Inteligência Artificial	62
Missionários no continente digital	63

PARTE IV: MISSÃO

Carismas, vocações e ministérios para a missão	65
A missão de despertar discípulos missionários	66
A missão de acompanhar discípulos missionários	67
A missão de formar discípulos missionários	68
O compromisso de ser comunidade vocacional	69

O compromisso da comunidade diocesana	70
O compromisso da comunidade paroquial	70
O compromisso dos cristãos leigos e leigas	71
O compromisso da família	72
O compromisso das comunidades formativas	72
O compromisso dos ministros ordenados	74
O compromisso da vida consagrada	75
O compromisso de todos com uma Comunidade Vocacional	75
CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

LISTA DE SIGLAS

AL – *Amoris Laetitia*

ChV – *Christus Vivit*

CVB – Documento final do Congresso Vocacional do Brasil

DAP – Documento de Aparecida

DCE – *Deus Caritas est*

DCq – Diretório para a Catequese

DGC – Diretório Geral para a Catequese

DN – *Dilexit nos*

Doc. CNBB 107 – Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários

Doc. CNBB 75 – Carta aos Presbíteros

Doc. CNBB 85 – Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais

EG – *Evangelii Gaudium*

FT – *Fratelli Tutti*

GeE – *Gaudete et Exsultate*

ISM – Uma Igreja Sinodal em missão: relatório de síntese

JFD – Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: Documento Final

LG – *Lumen Gentium*

LS – *Laudato Si'*

NMI – *Novo Millennio Ineunte*

OT – *Optatam Totius*

PDV – *Pastores Dabo Vobis*

PIS – *Por uma Igreja sinodal: Documento Final*

PVN – *Para vinho novo odres novos*

RFIS – *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*

RICA – *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (1972)*

RMi – *Redemptoris Missio*

RPP – *Rumo à Presença Plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*

SnC – *Spes non confundit*

SVMI – *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*

APRESENTAÇÃO

Uma das mais belas experiências eclesiais vivenciadas em nosso país é a realização de um Congresso Vocacional. Trata-se de um momento marcante, que revela e reflete aquilo que a Igreja é: uma comunidade de vocacionados(as), na qual todos são chamados a seguir Jesus Cristo como discípulos-missionários e a partilhar, em um caminho sinodal, seus dons e carismas. Este texto é um espaço privilegiado para reflexões teológicas, pastorais e espirituais sobre a vocação, que busca um entendimento mais amplo e profundo do chamado de Deus.

Desde a realização do 1º Congresso Vocacional, em setembro de 1999, temos colhido abundantes frutos no amadurecimento progressivo de uma cultura vocacional fundamentada naquela verdade que o Papa Francisco nos recorda: “todos os batizados são escolhidos e chamados à vida, à amizade com Jesus e à santidade”. Todavia, não podemos nos esquecer de que o autêntico e genuíno chamado nasce, cresce e se sustenta na vida comunitária, onde todos são responsáveis pela animação, pelo discernimento e pela vivência vocacional. A Igreja, como Povo de Deus, é chamada à sinodalidade para que cada membro, guiado pelo Espírito Santo, possa discernir o seu chamado específico e vivê-lo em comunhão com os demais.

É com imensa alegria que apresento este Texto-Base, fruto do trabalho dedicado de vários irmãos e irmãs. Ele nos orientará nas etapas de preparação e na realização do 5º Congresso Vocacional, em setembro de 2026. Conto com o apoio de todos — bispos, presbíteros, irmãos e irmãs da vida consagrada, diáconos permanentes, formadores, catequistas, cristãos leigos e leigas, comunidades de vida —, para que este subsídio seja amplamente divulgado, refletido e assimilado em nossas comunidades, Dioceses e regionais, a fim de que os objetivos sejam alcançados, especialmente o de responder aos desafios de evangelizar as novas gerações.

É importante ressaltar que este material não pretende abranger todas as questões referentes à animação vocacional. Seu propósito é, a partir do tema proposto, oferecer algumas reflexões e indicações que possam auxiliar

neste processo de escuta, diálogo e discernimento. Reconhecemos que o caminho vocacional é dinâmico e plural, e que muitos aspectos ainda poderão

ser aprofundados. Por isso, a dinâmica preparatória para este congresso — com congressos diocesanos, regionais, grupos de reflexão, entre outros — deve ir completando e ampliando as reflexões, seja respondendo às questões aqui propostas, seja levantando novas interrogações relevantes, que poderão ser levadas ao próprio congresso.

A escolha do tema e do lema é resultado de um amplo processo de escuta, envolvendo diversos grupos que atuam como animadores vocacionais em todas as regiões do país, em espírito sinodal. Nesse mesmo espírito, queremos dar continuidade ao compromisso assumido nas últimas décadas, de avançar, com passos firmes e acertados, em prol da realização do sonho de termos, em todas as comunidades eclesiais, um serviço de animação vocacional organizado e integrado aos planos pastorais diocesanos, em sintonia com as atividades promovidas pelos movimentos e comunidades de vida.

Que o Bom Pastor continue a nos guiar e acompanhar nesta nova jornada, e, sob o olhar bondoso da Mãe Aparecida, a vocacionada do Pai e modelo dos servidores do Evangelho, como peregrinos de esperança, elevemos o nosso Magnificat, junto com todos aqueles que dizem “sim” ao chamado de Deus e que contribuem na construção de seu Reino, o qual já está entre nós.

Dom José Albuquerque de Araújo

Bispo da Diocese de Parintins – AM

Referencial para o SAV-Brasil

TEMA E LEMA

Comunidades Vocacionais: encontro, testemunho e missão

*Perseverantes e bem unidos, partiam o pão pelas casas
(cf. At 2,46)*

A escolha do tema e lema para o 5º Congresso Vocacional do Brasil é fruto de um amplo processo de escuta, envolvendo diversos grupos que atuam como animadores vocacionais em todas as regiões do país. Foram recebidas inúmeras contribuições provenientes de regionais, Dioceses, paróquias, comunidades de vida consagrada, entre outros. Destaca-se a participação dos coordenadores regionais do SAV (Serviço de Animação Vocacional), das instituições vinculadas e relacionadas da Comissão para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada (CMOVIC), além do Instituto de Pastoral Vocacional (IPV) e do Grupo de Assessores da CNBB.

Dentre as diversas contribuições, identificou-se a necessidade de a animação vocacional alcançar as bases das estruturas eclesiais, ou seja, as comunidades locais. Observa-se preocupação diante dos variados contextos em que a resposta vocacional se torna cada vez mais urgente, indicando a vitalidade da missão evangelizadora, que demanda a motivação para que todos se sintam chamados por Deus e respondam a esse chamado com generosidade e empenho.

A escolha do tema *Comunidades Vocacionais* demonstra que o processo de descoberta da vocação acontece, principalmente, no convívio comunitário. É nesse ambiente que surgem oportunidades valiosas para anunciar e testemunhar a alegria de responder ao chamado de Deus, incentivando as pessoas a se abrirem à vontade divina. A Igreja, por meio do Sínodo sobre a Sinodalidade e das Diretrizes para a Evangelização no Brasil, reforça a importância de estar atenta às pessoas presentes nos diferentes contextos da sociedade. Nesse sentido, destaca-se o desafio de trabalhar a dimensão vocacional com afeto diocesano, ou seja, de transformar os ambientes eclesiais em espaços acolhedores, onde todos possam refletir sobre sua vocação e contar com acompanhamento adequado. Assim, a missão da Igreja se revela profundamente ligada ao despertar das diversas vocações.

Além disso, verifica-se que, nesses ambientes, muitas pessoas fora das estruturas eclesiais encontram-se imersas em dúvidas, confusão e crises, necessitando da proximidade e do apoio daqueles que podem auxiliá-las a escutar o convite de Deus para suas vidas.

Outro desafio fundamental reside na troca mútua de dons dentro da comunidade. Como ressaltava o Papa Francisco, a vocação só adquire sentido na relação mútua com os outros.¹ A resposta vocacional não é individual, mas dirigida a Deus e aos irmãos(ãs). Torna-se, portanto, essencial cuidar da qualidade relacional das comunidades e recuperar espaços tradicionais, muitas vezes esquecidos, os quais são ambientes propícios para o florescimento das vocações. A comunidade, com seus recursos e grupos, constitui um espaço gerador de vida vocacional, tanto na atitude de convidar quanto na de perseverar.

A comunidade se torna verdadeiramente vocacional ao reconhecer que é o ambiente onde a fé amadurece e, por consequência, a vocação se desenvolve. A animação vocacional deve ter como ponto de partida a graça do Batismo, e não as vocações específicas. É fundamental que os grupos dedicados a essa missão compreendam que as vocações específicas — à vida laical, ao Matrimônio, à vida consagrada e aos ministérios ordenados — representam um aprofundamento da vocação batismal, processo que ocorre, prioritariamente, no seio da comunidade eclesial.

A imagem da rede sempre foi associada ao trabalho vocacional. Atualmente, as redes digitais — como a internet, as redes sociais e outras plataformas do mundo digital — configuram-se como instrumentos eficazes para a animação vocacional, sendo esses ambientes considerados verdadeiros territórios de missão, conforme destacado na última Assembleia sinodal. Nesse caso, o principal desafio é transformar a “vocação da tela” em uma “vocação para a missão”.

Nesse contexto, o tema do congresso destaca três elementos essenciais: encontro, testemunho e missão. O encontro, consigo e com Deus, por meio da Palavra, da Eucaristia e da Caridade, propicia a proximidade, que constitui um antídoto contra as deformações da vocação.² O ato de encontrar-se

¹ Francisco, *Mensagem para o 61º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

² Francisco, *Discurso no Simpósio Internacional “Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio”*.

gera pertencimento, o qual transcende a mera conexão, configurando envolvimento na vida de Cristo e do próximo.

Para que uma comunidade seja genuinamente vocacional, é necessário que proporcione um testemunho profundo, fundamentado nos ensinamentos daquele que anuncia: o próprio Cristo. Ressalta-se a importância da unidade, da comunhão e da fraternidade. A reflexão sobre as motivações vocacionais deve levar cada pessoa a assumir a missão de chamar outras pessoas — por meio do testemunho de sua própria vida — a responderem ao chamado divino. Assim, a vocação se manifesta sempre como um compromisso coletivo. Na comunidade vocacional, cada indivíduo serve com alegria para que o outro possa crescer e realizar-se.

É importante destacar o que o Papa Leão XIV ressaltou no início de seu pontificado, ao encorajar que todos, sem temor, permaneçam unidos a Deus e entre si, como verdadeiros discípulos de Cristo, confiando que Ele guia seus passos e reconhecendo a relevância de sua luz para o mundo. O Papa também enfatizou o papel de Cristo como ponte, possibilitando à humanidade aproximar-se de Deus e de seu amor, e incentivou todos a colaborarem na construção de pontes por meio do diálogo, do encontro e da união, sempre em busca da paz e da harmonia entre os povos.³

Por fim, a missão é princípio integrador da ação evangelizadora da Igreja e, conseqüentemente, da animação vocacional. Na comunidade vocacional, torna-se fundamental um olhar atento para a animação missionária de cada pessoa. Afinal, cada vocação específica só se realizará plenamente na comunidade quando houver disposição para ir ao encontro do próximo, conforme o exemplo de Jesus. Uma vocação que não se torna missão corre o risco de limitar-se à realização pessoal, sem produzir um testemunho autêntico. Toda vocação é, em sua essência, missionária, pois consiste em uma resposta a Deus que se volta para o outro. Não se pode conceber vocação sem missão, nem missão sem vocação. “Portanto, necessitamos de projetos que os fortaleçam, os acompanhem e os impulsionem ao encontro dos outros, ao serviço generoso, à missão” (ChV, n. 30).

O lema escolhido para este Congresso reflete essa realidade ao contemplar a comunidade nascente, viva e orientada para o Ressuscitado.

³ Leão XIV, *Primeira Bênção Urbi et Orbi*.

Perseverança, unidade e partilha configuram gestos profundamente vocacionais-missionários.

A resposta a uma vocação específica exige perseverança diária; a vida comunitária demanda unidade; e a perseverança em Deus, aliada à comunhão fraterna, gera uma vida missionária na qual o pão é partilhado e a vida é doada.

Assim, este Congresso Vocacional é um convite às comunidades espalhadas pelo Brasil, em suas diversas configurações, para que perseverem no anúncio e testemunho da vida vocacional, evitando divisões e polarizações, promovendo a unidade e reconhecendo que a vida compartilhada na missão é fonte contínua de vocação.

IDENTIDADE VISUAL

A identidade visual do 5º Congresso Vocacional do Brasil, produzida pelo Pe. Wilkison Mendes da Rocha Meira, de forma simbólica e profunda, os pilares da vocação como encontro, testemunho e missão vividos em comunidade.



A **Cruz** está posicionada no alto da imagem, destacando a centralidade de Jesus Cristo na vida cristã e em todo caminho vocacional. Ela recorda que toda vocação nasce do seguimento de Cristo e está enraizada no Batismo, fonte de todas as vocações. *“Se alguém me quer seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia, e siga-me”* (Lc 9,23).

O **Círculo azul**, que envolve os demais elementos, representa a comunidade eclesial como espaço acolhedor, dinâmico e em constante movimento missionário. Esse traço circular evoca a unidade, a inclusão e o dinamismo da vida cristã, reforçando que *“toda comunidade é lugar da animação vocacional”*.

O **Pão repartido**, ao centro, simboliza o encontro com Cristo na Eucaristia e o gesto missionário de partilha, essencial à vida comunitária. Ele remete diretamente ao lema do Congresso: *“Perseverantes e bem unidos, partiam o pão pelas casas”* (cf. At 2,46). É na fração do pão que a comunidade vocacional se edifica e testemunha sua fé.

As **Pessoas** estilizadas formam uma comunidade reunida, em comunhão. Representam todos os vocacionados — cristãos(ãs) leigos(as), consagrados(as), famílias e ministros ordenados — que, unidos, testemunham e vivem sua missão nos diversos serviços e ministérios da Igreja.

Essa composição visual reforça o tema *“Comunidades Vocacionais: Encontro, Testemunho e Missão”*, revelando uma Igreja em saída, que discerne e anima vocações com autenticidade, usando novos meios, promovendo o acompanhamento e fortalecendo uma verdadeira cultura vocacional em todos os âmbitos eclesiais.

OBJETIVO GERAL

Fortalecer a consciência de que toda a comunidade eclesial é lugar de animação, de discernimento e de vivência vocacional, levando-a a reconhecer e a assumir a identidade vocacional de toda ação evangelizadora, tornando-se, assim, verdadeira comunidade vocacional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. **Propor um itinerário vocacional à luz da Iniciação à Vida Cristã:** sendo o Batismo fonte de todas as vocações, o percurso do discernimento vocacional deve levar os vocacionados(as) ao encontro com a Pessoa de Jesus Cristo e a uma sadia vivência dos diversos serviços e ministérios na comunidade;
2. **Utilizar os novos meios de comunicação na animação vocacional:** potencializar o SAV com o uso das novas ferramentas tecnológicas e linguagens mais próximas das novas gerações;
3. **Integrar a animação vocacional com a evangelização das juventudes:** aproximar a animação vocacional das diversas realidades juvenis, favorecendo o acompanhamento personalizado em vista do discernimento vocacional; utilizar como metodologia o projeto pessoal de vida e capacitar mais pessoas para o ministério da direção espiritual;
4. **Sensibilizar todos os membros da comunidade sobre a necessidade de um coerente testemunho da sua vocação:** um autêntico testemunho vocacional é fator indispensável para o surgimento de novas vocações e, conseqüentemente, para o crescimento e fortalecimento da comunidade eclesial;
5. **Entender a missão como elemento constitutivo da animação vocacional:** a dinâmica missionária deve estar presente em todos os itinerários e propostas pedagógicas da animação vocacional, pois a missão é um elemento que deve fundamentar todo o SAV;
6. **Constituir o SAV paroquial em todas as comunidades como meio de animar todas as vocações:** expandir a animação vocacional nas comunidades, dinamizando momentos de encontros e atividades vocacionais em todas as expressões pastorais presentes na paróquia, utilizando métodos adequados de planejamento e promovendo a cultura vocacional.

ORAÇÃO DO 5º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL

Senhor Jesus,
que nos ensinastes a partilhar o pão
e sempre nos sustentais com os dons do vosso Espírito,
concedei-nos comunidades vocacionais vivas e perseverantes,
que sejam testemunhas de unidade
e despertem, nas novas gerações,
o desejo pela Vida Matrimonial e Consagrada,
pelos Ministérios Leigos e Ordenados.

Sustentai-as no seu compromisso com uma catequese vocacional
e com os caminhos de especial consagração.

Dai-lhes sabedoria
para ajudar todas as pessoas no discernimento de sua vocação,
por meio de um verdadeiro encontro convosco.

Maria, vocacionada do Pai,
interceda por cada comunidade,
para que, animadas pelo Espírito Santo,
sejam fonte de santas vocações para a missão,
no serviço ao Povo de Deus.

Amém!

HINO DO 5º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL

L: Ismael Oliveira
M: Felipe Costa

M. Felipe Costa

No en - con-tro, em seu tes-te - mu-nho, com-pro - mis-so da nos-sa mis - são; "Co-mu-ni-
da-des vo-ca-cio - nais" par-ti - lhando a Pa-la-vra e o Pão par-ti - lhando a Pa-la-vra e o Pão.

1. Nos - sa co - mu - ni - da - de de fé faz a his - tó - ria, o ca - mi - nho e a mis - são. O lu -
2. O ba - tis - mo que mar - ca o co - me - ço do ca - mi - nho a ser per - cor - ri - do, que e -
3. A mis - são, nos - so gran - de cha - ma - do! Não há ou - tro ca - mi - nho a se - guir. Se es -
4. Nos - sa pre - ce, cla - mor a - ni - ma - do, pa - ra que o lu - gar es - pe - cial, a pa -

gar do en - con - tro mur - ca - do pra nas - cer e flo - rir vo - ca - ção! No en
xi - ge o fi - el tes - te - mu - nho no tra - je - to da vi - da em Cris - to.
pe - ra da co - mu - ni - da - de a mis - são no pen - sar, no a - gir!
rô - quia, a co - mu - ni - da - de, se - ja da vo - ca - ção um si - nal!

**R. No encontro, em seu testemunho,
compromisso da nossa missão:
"Comunidades vocacionais"
partilhando a Palavra e o Pão. (bis)**

- | | |
|--|--|
| <p>1. Nossa comunidade de fé
faz a história, o caminho e a missão.
O lugar do encontro marcado
pra nascer e florir vocação!</p> | <p>3. A missão, nosso grande chamado!
Não há outro caminho a seguir:
Se espera da comunidade
a missão no pensar, no agir.</p> |
| <p>2. O Batismo que marca o começo
do caminho a ser percorrido,
que exige o fiel testemunho
no trajeto da vida em Cristo.</p> | <p>4. Nossa prece, clamor animado,
para que o lugar especial,
a paróquia, a comunidade,
seja da vocação um sinal!</p> |

INTRODUÇÃO

Os congressos anteriores

1. A Igreja no Brasil celebra neste tempo mais um passo importante para a concretização do sonho vivo de uma cultura vocacional em suas comunidades: o 5º Congresso Vocacional do Brasil. Cada edição dos congressos vocacionais é sinal de que, na animação vocacional, nada está acabado, e que, em todo o caminho, onde ardem os corações, faz-se necessário um olhar atento para aquilo que é constitutivo de toda vocação: a iniciativa de Deus e a liberdade humana.⁴

2. Os congressos vocacionais realizados no Brasil indicam reflexões claras, e ainda atuais, para o desenvolvimento de uma ação evangelizadora que considere o trabalho vocacional como sua fonte, e não simplesmente como uma parte ou uma opção. Este 5º Congresso Vocacional é tempo de parar e refletir sobre como os temas da *Antropologia Vocacional*, da *Pedagogia Vocacional*, do *Itinerário Vocacional*, da *Sensibilidade Vocacional*, do *Discernimento Vocacional*, dentre tantos outros, têm chegado em nossas comunidades. Nelas é onde acontece toda ação evangelizadora e onde estão os vocacionados(as). O Papa Francisco nos lembrava de que toda animação vocacional deve ter a marca deste princípio: “toda a pastoral é vocacional, toda a formação é vocacional e toda a espiritualidade é vocacional” (ChV, n. 254).

3. O 1º Congresso Vocacional do Brasil, realizado no Mosteiro de Itaici, no ano de 1999, trouxe consigo o grande desafio de estruturar uma pastoral em prol das vocações. Envolvido pela chegada do novo milênio e a vivência do Ano Santo, teve como tema: *Vocações e Ministérios para o Novo Milênio*, e como lema: *Coragem! Levanta-te, Ele te chama* (Mc 10,49b). As reflexões desse Congresso indicaram o desafio da evangelização em um mundo em constante mudança e seu impacto na vida da Igreja. Apresentou-se, na ocasião, um retrato plural da Igreja, destacando a sua diversidade em modelos eclesiológicos; havia grupos a valorizar mais a

4 Francisco, *Mensagem para o 60º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

dimensão institucional, outros a carismática, a formativa e outros, ainda, o compromisso com as causas sociais. Todos esses modelos podem, ainda hoje, ser observados no exercício das vocações e dos ministérios em nossas comunidades. Esse congresso salientou a necessidade de uma evangelização mais orgânica e essencial, partindo de uma compreensão do ser da Igreja.

4. Ainda nesse primeiro congresso, foram indicadas algumas características importantes para a animação vocacional: a vivência dos ministérios em uma pastoral orgânica, a compreensão de que todos na comunidade são animadores vocacionais e o compromisso de animar todas as vocações dentro da comunidade. Nesse sentido, o congresso afirmou que a Igreja “não é a fonte, mas a mediadora da vocação e o lugar de sua manifestação” (CVB 1999, n. 11), apontando que a animação vocacional é uma ação evangelizadora, uma atividade da comunidade de fé.

5. O 2º Congresso Vocacional do Brasil foi realizado no ano de 2005, outra vez em Itaici, com o tema: *Igreja, Povo de Deus, a serviço da vinha*, e como lema: *Ide também vós para minha vinha* (Mt 20,4). Esse congresso aconteceu logo após a realização do segundo Ano Vocacional do Brasil, em 2003. Suas reflexões ajudaram as comunidades a entender que o ponto de partida do trabalho vocacional é o cuidado com a vocação da pessoa humana, chamada a desenvolver relações constitutivas: consigo mesma, com Deus, com o mundo e com os outros. É fruto desse congresso a afirmação: “o encontro com a outra pessoa, protagonista de sua própria vocação, interpela-nos e nos enriquece” (CVB 2005, n. 5).

7. Ao indicar sombras e luzes na animação vocacional, esse congresso destacou a necessidade de ser cultivada uma visão integral, integradora e unitária da pessoa, vencendo a tentação do dualismo, favorecendo que cada um possa tomar consciência de suas reais motivações vocacionais. Ao elencar os espaços da animação vocacional, compreendeu-se que o grande desafio das comunidades eclesiais é o de crescer na consciência de que sua ação evangelizadora em prol das vocações deve ultrapassar os limites de suas estruturas e grupos, reconhecendo que Deus também chama os que estão fora, e que, por isso, urge ir ao encontro dessas novas praças de animação vocacional.

8.

7. O 3º Congresso Vocacional do Brasil, realizado em 2010, em Itaici, teve como tema: *Discípulos Missionários a serviço das vocações*.

E lema: *Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações* (Jo 14,19a). Nesse Congresso, que foi inspirado no Documento de Aparecida, aprofundou-se a teologia do discipulado e da missão na animação vocacional. Olhando as vocações no contexto social, cultural e eclesial, constatou-se que existe um distanciamento mútuo entre as instituições e as pessoas. Apontou-se a urgência do emprego de novas formas de linguagem na atividade evangelizadora, mais adequadas e atuais, assim como uma adequação da animação vocacional de acordo com a cultura e a sensibilidade da pessoa contemporânea, a fim de que esta alcance uma verdadeira experiência com Deus.

8. Nesse congresso, foi enfatizada a importância da valorização da diversidade de carismas e ministérios presentes na comunidade, reconhecendo que cada um contribui de maneira singular para a construção do Reino de Deus. Ressaltou-se, ainda, que a espiritualidade constitui a base que sustenta e fortalece todos os envolvidos na missão da animação vocacional: “a identidade eclesial [do SAV] é garantida pela fé, fortalecida pela vida sacramental, testemunhada no meio do Povo de Deus e partilhada na comunidade” (CVB 2010, n. 23). Foi dito também que “a missão desafia os animadores das vocações a um testemunho de comunhão, de solidariedade, de atenção aos mais necessitados, e a uma busca constante de novas formas de animação vocacional sustentadas pelo testemunho de vida” (CVB 2010, n. 26).

9. O 4º Congresso Vocacional do Brasil, realizado em 2019, no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, teve por tema: *Vocação e Discernimento*, e por lema: *Mostrai-me, Senhor, os teus caminhos* (Sl 25,4). No espírito das reflexões da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, esse Congresso apontou a necessidade de um processo vocacional com etapas claras (itinerário vocacional), que valorize principalmente o discernimento vocacional. Destacou que a corresponsabilidade de todos (cristãos leigos e leigas, famílias, pessoas de vida consagrada, ministros ordenados, organismos e instituições) na ação evangelizadora pelas vocações é cada vez mais urgente, e reafirmou a importância do planejamento e da organização na animação vocacional.

10. Esse Congresso procurou avaliar se a animação vocacional está realmente conseguindo alcançar as juventudes das comunidades e

constatou a necessidade de um melhor acompanhamento vocacional, que saiba lidar com as fragilidades e potencialidades próprias das novas gerações e que atue cada vez mais de forma personalizada. Ademais, no Congresso percebeu-se, à luz da pedagogia do discernimento, que é preciso maior atenção ao mundo interior, à tomada de consciência das sensibilidades humanas, e uma melhor preparação dos animadores para o acompanhamento vocacional.

11. Na trajetória da animação vocacional no Brasil, os quatro congressos realizados destacaram-se como instrumentos fundamentais para a assimilação do discernimento e das experiências acumuladas ao longo dos três anos vocacionais promovidos pela Igreja, conferindo plenitude ao trabalho em favor das vocações. O 1º Ano Vocacional, ocorrido em 1983, com o tema: *Vem e Segue-me* (cf. Mt 19,21; Mc 10,21; Lc 18,22), mobilizou toda a Igreja em um grande esforço coletivo, gerando uma nova mentalidade vocacional. Em 2003, o 2º Ano Vocacional, com o tema: *Batismo, fonte de todas as vocações*; e o lema: *Avancem para águas mais profundas* (cf. Lc 5,4), buscou levar a Igreja a compreender-se como assembleia de vocacionados(as), incentivando o reconhecimento do chamado divino. Já o 3º Ano Vocacional, celebrado em 2023, com o tema: *Vocação: graça e missão*; e o lema: *Corações ardentes, pés a caminho* (cf. Lc 24,32-33), teve o objetivo de promover a cultura vocacional nas comunidades eclesiais, nas famílias e na sociedade, favorecendo ambientes propícios ao despertar de todas as vocações como graça e missão a serviço do Reino de Deus.

12. Chegou a hora do 5º Congresso Vocacional do Brasil, o tema é: *Comunidades Vocacionais – Encontro, Testemunho e Missão*, e o lema: *Perseverantes e bem unidos, partiam o pão pelas casas* (cf. At 2,46). Neste se pretende olhar a comunidade eclesial e toda sua ação evangelizadora como fonte de vida vocacional, pois é na comunidade que todo o processo vocacional acontece, vindo a ser cada vez mais urgente reconhecer nossas comunidades eclesiais como autênticas comunidades vocacionais.

O Texto-Base

13. Cada parte deste Texto-Base indicará os elementos centrais que devem ser refletidos em todas as comunidades, em suas múltiplas

configurações, para que todos possam contribuir para a caminhada da animação vocacional no Brasil, dando um novo rosto a todos aqueles processos iniciados na caminhada feita até aqui e que necessitam ser atualizados e comunicados de uma nova maneira.

14. Este texto se inicia com a apresentação do modelo de comunidade nos *Atos dos Apóstolos*, sendo esse um convite a perceber como viviam os que foram chamados pessoalmente por Jesus, destacando que sua maneira de viver em comunidade é resposta ao chamado feito por Ele. O texto apresenta a força da vida comunitária como lugar de encontro, geradora de testemunho e impulsionadora da missão.

15. A segunda parte do texto reflete sobre o caráter essencial da descoberta na animação vocacional. Nela se olha para a comunidade de fé como lugar privilegiado de encontro com a vocação. Todos são convidados a refletir sobre a dimensão vocacional da Iniciação à Vida Cristã, entendendo que somente pela vivência da fé a pessoa pode reconhecer-se chamada por Deus. Os passos do itinerário vocacional devem ser cada vez mais assimilados nesse percurso de maturidade da fé, no qual a vivência sacramental, a leitura da Palavra de Deus e a missão sejam fatores essenciais para uma sólida opção vocacional. Nessa parte do texto, ainda se aprofunda a respeito da importância da animação vocacional no contexto do encontro com as juventudes, sendo o caminho do discernimento vocacional uma riqueza para o amadurecimento humano e cristão das novas gerações.

16. A terceira parte do texto discorre sobre o grande valor do testemunho na animação vocacional. Em suas diferentes formas, seja a maneira de viver ou a maneira de comunicar, o testemunho é parte integrante da vida de cada vocacionado(a), e, conseqüentemente, da vitalidade de cada comunidade. É a partir do testemunho que se pode falar de atitudes vocacionais, e por meio dele os fiéis passam de pessoas chamadas a pessoas que chamam. O testemunho, sem dúvida, é o coração da animação vocacional. Não passa despercebido no texto o desafio do testemunho vocacional nos meios de comunicação, significando, sobretudo, um impulso para uma missão digital que testemunhe o dom das vocações.

17. A última parte do texto trata sobre o caráter missionário da animação vocacional e expressa a grande preocupação do distanciamento

entre essas duas dimensões da ação evangelizadora: a animação vocacional e a animação missionária. Sugerindo compromissos institucionais e pessoais, o texto incentiva as comunidades a se tornarem vocacionais, porque onde há vocacionados(as) que se abrem à missão e missionários que se abrem para chamar, ali cresce uma comunidade vocacional.

18. Que este 5º Congresso Vocacional do Brasil seja um momento oportuno para que todas as comunidades e, de maneira particular, o SAV possam responder aos desafios de evangelizar as novas gerações. Em um mundo no qual a comunicação preza pela velocidade e pela exposição, que seja possível abrir caminhos para a gradualidade e intimidade dos processos. Em uma realidade que cobra eficiência e produção, que seja possível abrir trilhas que alcancem o coração, onde Deus nunca se cansa de chamar. É momento de perceber o grande tesouro do Evangelho da Vocação: o chamado à vida como dom de amor, o chamado à fé como encontro com Cristo, o chamado à Igreja, como comunhão entre irmãos(ãs), e o chamado à missão como doação e realização.

PARTE I: EXEGESE

19. O 5º Congresso Vocacional do Brasil tem por missão fortalecer a consciência vocacional das comunidades eclesiais. Para isso, elegeu como modelo e inspiração de seu caminho a vida e missão da comunidade apostólica de At 2,42-47, em especial o que se destaca em At 2,46: *Perseverantes e bem unidos, partiam o pão pelas casas*. Para que o anseio de *Comunidades Vocacionais*, que anima este Congresso, possa avançar, é indispensável começar pelo retorno às fontes bíblicas, àquela comunidade dos primeiros cristãos, que viviam na simplicidade e na fé a experiência do encontro, do testemunho e da missão.

20. O *Livro dos Atos dos Apóstolos*, mais do que um simples retrato da história da comunidade cristã primitiva, revela-se uma verdadeira teologia da própria vida e missão dos fiéis em Jesus Cristo. Lucas, ao escrevê-lo, buscou retratar com fidelidade os fatos dos quais teve conhecimento, porém, em cada um destes, apresentava, ao seu estimado Teófilo, uma verdadeira teologia da história, revelando, em cada um dos acontecimentos, tanto os prodigiosos quanto os difíceis e conflitivos, a mão providente de Deus, que guia a comunidade cristã na história. A comunidade cristã, no *Livro dos Atos dos Apóstolos*, compreende-se verdadeiramente como uma comunidade vocacional, no encontro com Cristo e com os irmãos(ãs), no testemunho da vida fraterna e na missão.

21. Para Lucas, a missão da comunidade cristã, representada nos Apóstolos, consiste em ser testemunha “em Jerusalém, em toda a Judeia e na Samaria, até os confins da terra” (At 1,8). De fato, em seu plano literário, o próprio Lucas dispõe o texto de maneira que os capítulos 1-7 tratam de Jerusalém; 8-12 tratam de Judeia, Samaria e Síria; 13-15 tratam de Antioquia, Chipre e Pisídia; 16-20 tratam da Ásia Menor, Grécia e Europa para, por fim, nos capítulos 21-28, tratar da missão em Roma, representando os confins da terra. O versículo que ilumina a reflexão deste Congresso encontra-se na primeira parte do *Livro dos Atos dos Apóstolos*, tratando ainda da comunidade de Jerusalém, imediatamente após o episódio de Pentecostes, o primeiro anúncio de Pedro e a notícia das primeiras conversões.

42 Eles eram perseverantes no ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. 43 Apossava-se de todos o temor, e pelos Apóstolos realizavam-se numerosos prodígios e sinais. 44 Todos os que abraçavam a fé, viviam unidos e possuíam tudo em comum; 45 vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. 46 Perseverantes e bem unidos, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. 47 Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, cada dia, o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que eram salvas (At 2,42-47).

23. O 5º Congresso Vocacional do Brasil, desejoso de despertar a dimensão vocacional de todas as comunidades, como verdadeiras comunidades vocacionais, descobre, no relato dos Atos dos Apóstolos, uma fonte de inspiração e modelo para os dias atuais. A pregação dos Apóstolos torna-se o lugar de encontro com Cristo e com os irmãos(ãs), eles compartilham da força que vem da Palavra, da comunhão fraterna e da celebração comum; além disso, a comunidade nos Atos dos Apóstolos é uma comunidade testemunhante, sendo um sinal de unidade no meio da dispersão dos povos e, por isso mesmo, uma comunidade missionária, pois compreende que a unidade advinda da fé em Cristo e experimentada pela caridade fraterna não é privilégio de alguns, mas desejo de Deus para todos. Iluminado por exemplos tão admiráveis, este Congresso pode propor uma reflexão transformadora das comunidades cristãs em verdadeiras comunidades vocacionais.

Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações

24. Em sua Carta Encíclica *Deus Caritas est*, o Papa Bento XVI nos recorda de que, “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo” (DCE, n. 1). De fato, foi o encontro de Jesus com os discípulos que lhes transformou

radicalmente a existência, de maneira que, doravante, já não poderiam mais ser indiferentes àquilo que viram e ouviram do Mestre. Suas vidas são tão profundamente transformadas no encontro com Jesus, sobretudo após a Ressurreição, que Ele se torna, de maneira radical, o centro de suas vidas. Tudo o que fazem tem por intenção tornar Jesus conhecido por todos os povos. O que os Apóstolos anunciam é, sobretudo, a própria vida de Jesus, com destaque para sua Paixão, Morte e Ressurreição. O próprio Pedro, em At 2,14-36, após o episódio da vinda do Espírito Santo, testemunha em alta voz que “a esse Jesus Deus ressuscitou, e disso nós todos somos testemunhas” (At 2,32).

25. A pregação dos Apóstolos é, para a comunidade cristã, o primeiro lugar do encontro com o Ressuscitado. Ela se torna uma comunidade vocacional no encontro com Cristo, que está vivo no seio da comunidade. É significativo que o Ressuscitado, no Evangelho de João, prefere revelar-se aos Apóstolos somente quando estão reunidos. Tomé, que não estava com os irmãos no primeiro dia da semana, não encontra o Ressuscitado. Foi preciso esperar o primeiro dia da semana, novamente, quando a comunidade dos discípulos estava reunida para encontrar-se com o Senhor Ressuscitado. Na comunidade dos fiéis, o Senhor se faz presente, de maneira que escutá-los é ouvir o próprio Senhor (cf. Lc 10,16). A escuta atenta da pregação apostólica chama os ouvintes à fé; estes, por sua vez, no encontro com Cristo pela pregação dos Apóstolos, tornam-se também evangelizadores. Recorda-nos o Papa Francisco de que “Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização”, pois “Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus” (EG, n. 120).

26. A perseverança dos primeiros cristãos em ouvir a pregação dos Apóstolos se manifestava pela comunhão fraterna. Encontrar-se com o Cristo que fala pela boca dos Apóstolos leva, necessariamente, ao encontro com o irmão. A unidade da comunidade advém, em primeiro lugar, da unidade do Cristo, anunciado pela pregação apostólica. A unidade da fé em Cristo, necessariamente, conduz à unidade dos fiéis, a ponto de o *Livro dos Atos dos Apóstolos* afirmar que “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4,32).

27. O *Documento de Aparecida* recorda que “a vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão” (DAp, n. 156), pois cada ouvinte da pregação é vocacionado a formar um único Corpo, que é a Igreja. Não existe vocação que não seja chamada à comunhão eclesial, e não há vocação que se sustente separada da comunhão eclesial, visto “que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão” (DAp, n. 156).

28. A comunidade vocacionada pela pregação dos Apóstolos chega a ser uma comunidade vocacional pela convivência fraterna. A expressão máxima da comunhão eclesial é a fração do pão e as orações. A celebração do memorial da Páscoa de Cristo conheceu diversos nomes, tanto no Novo Testamento como na Tradição da Igreja: Ceia do Senhor, Eucaristia e Fração do Pão são os nomes mais recorrentes. As três expressões, apesar de aparecerem em contextos distintos, revelam-se como atos de um mesmo acontecimento, conforme o texto de 1Cor 11,20-26. No memorial da Ceia do Senhor, dá-se graças sobre o pão que é repartido.

29. De fato, a fração do pão representa uma expressão clara da unidade dos fiéis na mesma fé, pois o pão partilhado é o mesmo para todos, simbolizando o mesmo Corpo recebido por cada um, com o objetivo de formar uma só comunidade. Nesse sentido, o *Documento de Aparecida* ressalta que, na Eucaristia, são fortalecidas as novas relações evangélicas que nascem do reconhecimento de todos como filhos(as) de Deus e irmãos(as) em Cristo. Assim, a Igreja que celebra torna-se verdadeiramente uma *casa e escola de comunhão*, onde os discípulos partilham a mesma fé, esperança e caridade, colocando-se a serviço da missão evangelizadora (DAp, n. 158).

Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum

30. A fé é dom de Deus e resposta humana. É dom porque, se Deus não tivesse revelado a si aos seres humanos, não seria possível conhecê-lo; além disso, é dom porque é por graça do próprio Deus que os ouvintes são despertados para o anúncio. O próprio Jesus Cristo, no *Evangelho*

de João, atesta: “ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair” (Jo 6,44). Essa fé, que é dom de Deus, e que é despertada pela pregação apostólica (cf. Rm 10,17), convida o ser humano a uma resposta generosa e individual. O *Livro dos Atos dos Apóstolos* nos relata que “os que aceitaram as palavras de Pedro, receberam o Batismo. Naquele dia, foram acrescentadas a eles cerca de três mil pessoas” (At 2,41). A resposta pessoal de fé ao Deus que chama individualmente na pregação apostólica é sempre confirmada pela adesão à comunidade eclesial.

31. Viver unidos, na comunidade, é uma necessidade para aqueles que abraçam a fé em Jesus Cristo. Ele, em sua relação com o Pai, revela-se como Filho; mas, em relação a nós, revela-se como Irmão. Destaca-se que a relação de pertença à mesma família é intrínseca e inseparável da fé cristã: crer em Jesus Cristo é ser tornado filho(a) do mesmo Pai e irmão(ã) de todos os fiéis. Assim, convivendo unidos como irmãos(ãs) é que os fiéis respondem ao chamado a ser comunidade.

32. Tanto em At 2,42 quanto em At 2,44, o termo grego utilizado para se referir à comunhão entre os fiéis é *koinos*, que literalmente pode significar “comum” (como no caso do grego *koinē*, isto é, o grego falado comumente) ou “comunidade”, no sentido de algo que pertence a todos, ou o espírito que une a todos. A escolha por *koinos* revela que a unidade não se trata de um aspecto meramente de comunhão de ideais, mas verdadeiramente uma partilha de bens, de maneira que nenhum considerava como próprias as coisas que possuíam. Paulo utiliza o mesmo termo com relação à campanha financeira que empreende em favor da Igreja de Jerusalém, pois compreende que a comunhão na fé se concretiza na comunhão dos bens (Rm 15,26; Gl 2,9; 1Cor 16,1-3).

33. A comunhão na fé leva, necessariamente, à comunhão dos bens. A comunidade eclesial faz a experiência de colocar os dons a serviço de todos. Vocacionada à unidade, a comunidade testemunha a fraternidade na abertura generosa de uns aos outros, a ponto de o texto dos Atos dos Apóstolos frisar que os fiéis “possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um” (At 2,44b-45). Partilhar os bens é sinal de maturidade espiritual e humana, manifesta o amor que não conhece limites e que vence o egoísmo e a falsa segurança do possuir.

Frequentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade

34. Tanto At 2,42 — “*eram perseverantes*” — quanto At 2,46 — “*frequentavam diariamente*” — traduzem o mesmo verbo grego, *proskarteréo*. Nele se exprime a ação de fazer algo com um esforço (*pros*: em direção a; *krátos*: força). Perseverar na vida comunitária e na assiduidade ao Templo exigem da comunidade apostólica um esforço redobrado. A missão da comunidade apostólica junto aos judeus revelou-se árdua, sobretudo após os anos 70, que, com a destruição do Templo, significou definitivamente a ruptura entre os seguidores de Jesus e os judeus. A missão a que a comunidade cristã é chamada é exigente. Os membros da comunidade, que é necessariamente vocacional, devem empenhar um esforço significativo para prosseguir no testemunho da unidade e na missão.

35. O texto revela um detalhe interessante no versículo 46. Apesar de continuarem a frequentar o Templo, como judeus que eram, celebravam também a fração do pão pelas casas. O Templo, para o autor do *Livro dos Atos dos Apóstolos*, tem um sentido teológico central. Desde o Evangelho, revela-se como o centro da história da salvação. A participação dos Apóstolos no Templo, para o culto, revela, em primeiro lugar, a continuidade com Israel. Ao mesmo tempo, por partir o pão pelas casas e rezar as orações fora do Templo, já manifesta uma abertura que transcende os limites do judaísmo tradicional e se abre aos pagãos.

36. A comunidade eclesial, para ser toda ela vocacional, precisa sempre conciliar as raízes que se fundamentam na Tradição da Igreja com a novidade do Espírito, que impulsiona a comunidade à abertura do coração aos diferentes. A mudança gradual operada na comunidade apostólica sinaliza a compreensão progressiva da própria vocação missionária de anunciar a Boa-Nova até os confins da terra.

37. O gesto eucarístico de partir o pão, ainda que profundamente marcado pelo sentido da Páscoa do Senhor, encontrava-se profundamente ligado à refeição comum tomada pelos fiéis nas casas. O próprio texto, logo após frisar no versículo 42 a fração do pão, novamente retoma tal gesto no versículo 46, seguido do complemento “*tomavam a refeição com alegria e simplicidade*”. O texto parece indicar a ceia comum dos fiéis, na qual o gesto de partir o pão manifestava a comunhão de todos em Cristo, e que

se expressava sobremaneira na participação de todos, acima de tudo dos pobres, conforme Paulo revela em sua advertência em 1Cor 11,17-34. No gesto de partir o pão e tomar o alimento, a comunidade cristã manifesta seu dinamismo missionário no desejo de chamar todos a participar do banquete, conforme a vontade do próprio Senhor (cf. Lc 14,23).

38. Por fim, a comunidade nos *Atos dos Apóstolos* é apresentada como o modelo para todas as comunidades de todos os tempos e lugares. A perseverança em ouvir a pregação apostólica, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações, é a base para entender a comunidade como o lugar do encontro, do testemunho e da missão. O retrato ideal delineado por Lucas nos *Atos dos Apóstolos* não é a representação de uma comunidade perfeita, em que não ocorriam problemas; muito pelo contrário, o próprio autor apresentará, no correr da obra, as diversas dificuldades sofridas pela comunidade.

39. A grande questão que se apresenta é que, como uma espécie de sumário, o autor apresenta as notas fundamentais de toda comunidade, o mistério ao qual a comunidade é vocacionada, isto é, chamada a ser: uma comunidade de encontro, testemunho e missão. A ilustração do texto é um apelo a não se perder de vista o essencial da comunidade cristã, que é ser uma comunidade vocacionada e vocacional. Vocacionada porque chamada por Cristo; vocacional porque, em nome de Cristo, chama homens e mulheres de todos os tempos e lugares para a unidade da fé.



- Quais valores a reflexão de At 2, 42-47 sugere que as comunidades cultivem para aperfeiçoar sua dimensão vocacional?
- Que vivências de nossas comunidades se aproximam do ideal do encontro, do testemunho e da missão experienciados na comunidade apostólica?
- Quais atitudes vocacionais nossa comunidade ainda precisa assumir para amadurecer na dimensão vocacional, segundo a inspiração da comunidade apostólica?

Envie as respostas às questões por meio do QRcode ao lado.



Obs.: Por comunidade entende-se as pequenas comunidades eclesiais, as paróquias, dioceses, regionais, institutos religiosos e de vida consagrada, novas comunidades, grupos pastorais, movimentos e afins.

PARTE II: ENCONTRO

40. A iluminação bíblica recebida anteriormente dos *Atos dos Apóstolos* elucidou como o *encontro* indica um aspecto constitutivo da comunidade apostólica: ela era reconhecida como lugar do encontro com o Senhor e do encontro entre os irmãos(ãs). Essas características da primeira comunidade cristã permanecem provocativas para toda a Igreja e orientam à conversão do modo como nela se realiza a experiência pessoal com Jesus Cristo e como nela os cristãos se descobrem irmãos(ãs). Na pergunta pelo sentido eclesial do encontro, a Igreja se reconhece chamada a tornar-se comunidade vocacional, porque é encorajada a aprofundar a consciência de sua identidade de instrumento de reunião em fraternidade dos fiéis e de amizade com todos, enquanto inicia os cristãos na configuração àquele que prometeu estar presente todas as vezes que a comunidade se reunir em seu nome (cf. Mt 18,20).

41. O Papa Francisco dedicou seu magistério, em muitas oportunidades, à compreensão e à promoção de uma cultura do encontro, cujas raízes tocam o sentido do existir do ser humano. Particularmente, ele ensinou que *“a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro”*. O Papa Leão XIV, em sua primeira mensagem à Igreja, reforçou a centralidade da cultura do encontro, transmitindo confiança e esperança aos fiéis ao afirmar que Deus ama a todos e que o mal não prevalecerá. Ele destacou que o mundo necessita da luz de Cristo e que a humanidade precisa de pontes para se aproximar de Deus e de seu amor. O pontífice convidou todos a colaborar com a Igreja e, depois, a ajudarem-se mutuamente na construção dessas pontes, por meio do diálogo e do encontro, para que todos possam caminhar juntos como um só povo em paz.⁶

5 Francisco, *Mensagem Vídeo para o Encontro Internacional TED 2017 em Vancouver*.

6 Leão XIV, *Primeira Bênção Urbi et Orbi*.

42. Nas últimas Assembleias do Sínodo dos Bispos, a Igreja empenhou-se em discernir modos de encarnar, na pastoral ordinária, um estilo de acolhida cordial, escuta recíproca e valorização da diversidade das vocações, carismas e ministérios. É expressiva a posição que os Padres sinodais manifestaram no Documento Final do Sínodo da Juventude: “só um cuidado pastoral capaz de se renovar a partir do cuidado das relações e da qualidade da comunidade cristã será significativo e atraente para os jovens” (JFD, n. 138). Esse juízo foi acolhido e aperfeiçoado na Exortação Apostólica *Christus Vivit*, na qual o Papa Francisco ressalta a importância de responder à situação de orfandade das juventudes com a criação de comunidades ao modo de um lar, no qual a vida possa ser mais humana, fraterna e significativa (ChV, n. 216-218).

43. Importa mencionar, à luz dessa chamada a uma Igreja sacramento do encontro, como responder mais propriamente à dimensão vocacional de toda comunidade e de toda a ação evangelizadora. No Sínodo da Juventude, os Padres sinodais sublinharam o papel integrador que a dimensão vocacional desempenha no conjunto da ação evangelizadora da Igreja. Acontece que a desejada conversão da fragmentação dos serviços à integração dos projetos depende de um princípio com força de animação e unidade; o Sínodo da Juventude considerou que esse princípio deveria ser a vocação, seja porque nela a integração da pessoa se realiza, seja porque a evangelização encontra nela sua origem e cumprimento (JFD, n. 139-141).

44. Nesse contexto, é oportuno nos recordarmos do ensinamento do Papa São João Paulo II, que destaca a dimensão vocacional como algo inerente e fundamental à pastoral da Igreja. Segundo ele, a vocação não apenas orienta as ações da Igreja, mas define sua própria essência, pois, já no nome *Ecclesia*, está presente a ideia de convocação, revelando sua natureza profundamente vocacional. Desde o Sínodo sobre a Formação dos Sacerdotes, a Igreja tem amadurecido a compreensão de si mesma como *Mysterium Vocationis*, ou seja, uma assembleia de pessoas chamadas ao seguimento de Jesus Cristo. Assim, a dimensão vocacional não deve ser vista como um aspecto secundário ou acessório da evangelização, mas como um elemento que permeia e dá sentido a toda ação evangelizadora, impulsionando a Igreja a chamar e a convidar continuamente para o seguimento de Cristo (JFD, n. 34).

A dimensão vocacional da Iniciação à Vida Cristã

45. A Iniciação à Vida Cristã (IVC) é uma dimensão do processo de evangelização (DCq, n. 31), cuja missão implica iniciar, renovar e amadurecer cristãos e não batizados no encontro — ou reencontro — com um acontecimento: a Pessoa de Jesus Cristo (EG, n. 7-8). No Documento 107 da CNBB, os bispos elucidam que *iniciar* distingue-se de *ensinar*, por ser um processo de mergulho no Mistério de Deus e de conversão da existência (n. 122), pois os catequizandos não vivenciam apenas um encontro de contato, mas de progressiva comunhão com o Senhor, centro e cume da vida cristã (DCq, n. 75). Por meio de etapas, ritos, ensinamentos com inspiração catecumenal, os catequizandos são introduzidos em seu Mistério, enquanto são chamados a uma configuração de suas vidas a dele, que os torne autênticos discípulos missionários.

46. Por se tratar de um caminho que envolve a totalidade da pessoa, há sempre o risco do “fracasso ou da falta de perseverança no caminho da fé (...), uma realidade complexa, que se deve, muitas vezes, à falta deste envolvimento pessoal dos catequizandos” (cf. Doc. CNBB 107, n. 95). Esse desafio, com efeito, não é apenas de responsabilidade dos catequizandos, mas sugere que há aspectos da passagem do valor objetivo da iniciação para a convicção subjetiva dos indivíduos que precisam de um aprofundamento, ou mesmo de uma adequação.

47. Esse é o horizonte em que se introduz a questão da vocação, mais propriamente a da dimensão vocacional e da complementariedade entre vocação e iniciação no processo de formação de discípulos missionários. Acontece que uma experiência religiosa radicalmente vivida, para afetar o ser humano em sua totalidade, precisa alcançá-lo no mistério de sua vocação, ou seja, deve ter a capacidade de conduzi-lo a descobrir-se individualmente vocacionado a tornar-se a pessoa que Deus o chama a ser, enquanto colaborador ativo no desígnio da salvação.⁷

48. O Sínodo da Juventude não hesita em posicionar a animação vocacional no coração de toda a ação evangelizadora da Igreja, por conseguinte, no caminho da IVC, pois, como afirmaram os Padres sinodais: “a vocação é o fulcro em torno do qual todas as dimensões da pessoa

7 Amedeo Cencini, *Construir cultura vocacional*, p. 25-29.

estão integradas (...) [e] somente na dimensão vocacional, a pastoral pode encontrar um princípio unificador” (JFD, n. 139).

49. Quanto ao processo da IVC — estruturado em quatro etapas* para iniciar, de forma orgânica e sistemática, na fé em Jesus Cristo e em tudo o que Ele revelou como verdade (DGC, n. 92) —, o princípio da dimensão vocacional convoca à explicação de como cada período da iniciação pode traduzir-se em chamado, em vista de que o catequizando chegue a ser integralmente *provocado* pela mensagem do Evangelho.

50. Em síntese, é importante compreender que o itinerário da iniciação se encontra profundamente atravessado pelo acontecimento da vocação: tem seu princípio no chamado de Cristo, em seu convite a viver nele; ilumina-se no discernimento do papel pessoal do cristão no plano da salvação; realiza-se no dom sacramental da vida filial, ao qual o catequizando responde com o dom livre da própria vida, chegando a ser partícipe da missão de Cristo como discípulo missionário.

A chamada vocacional no primeiro anúncio

51. A IVC começa com o encontro e o anúncio. Aquele que se abre à procura da fé, já o faz suscitado pela graça do Espírito Santo. Por isso, quem acolhe, em nome da Igreja, alguém que a busca, deve encontrar-se em uma atitude interior de escuta à voz do Espírito, que está movendo o coração de quem deseja ser iniciado. Com a docilidade e a atenção da escuta, o discípulo missionário oportuniza um encontro à semelhança do modo como o próprio Deus se direciona a cada ser humano (JFD, n. 6).

52. Aberto às inquietações e esperanças que colocam a pessoa nessa busca, o catequista passa ao anúncio da Boa-Nova, que decifra o mistério da vida humana: “(...) o amor pessoal de Deus que se fez homem, entregou-se a si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade” (EG, n. 128). Com efeito, esse anúncio não pode ser comunicado sem vocação, isto é, quem o anuncia o faz testemunhando sua experiência de salvação, compartilhando de sua alegria por ter a vida iluminada pela chamada do Senhor, enquanto caminha dia a dia aderindo mais plena e

8 Etapas: 1. Pré- catecumenato; 2. Catecumenato; 3. Purificação-Illuminação; 4. Mistagogia.

sinceramente à Pessoa de Jesus Cristo. O Primeiro anúncio, nesse sentido, é vocacional, ou seja, é um chamado a viver em Cristo. A Palavra anunciada requisita o testemunho do discípulo para se manifestar, tocar e mover o interlocutor (DCq, n. 58)

O conteúdo vocacional no catecumenato

53. O período do catecumenato ou de catequese de Iniciação à Vida Cristã se abre com uma celebração de caráter vocacional, na qual os candidatos ouvem o chamamento primordial e irrevogável: “Deus nos escolheu para que sejamos santos e irrepreensíveis no amor” (cf. Ef 1,3-14). Aliás, nessa celebração, os candidatos são chamados a exprimir seu desejo de se tornarem discípulos, um querer que só pode ser bem compreendido no horizonte da vocação, como explicitamente sublinha o rito de admissão: “Cristo chamou a vocês para serem seus amigos; lembrem-se sempre dele e sejam fiéis em segui-lo!” (RICA, n. 83).

54. Iniciar um catecúmeno, enfatizou o Papa Francisco, é contribuir para que o anúncio que dá resposta ao anseio do coração humano venha a se fazer carne na vida daquele que está sendo iniciado (EG, n. 165). Considerando o caráter gradual da experiência formativa e a condição integral da vivência humana, é importante que os processos de iniciação se enriqueçam com uma compreensão mais vocacional do amadurecimento humano, pois as grandes experiências da vida cristã tocam a inteligência, a corporeidade e a afetividade dos catecúmenos quando os permitem compreender a própria vida à luz da vocação de Cristo, daquele que se doou sem limites para a salvação do mundo.

55. A educação para a oração com qualidade vocacional, que tem a força de converter a sensibilidade do coração, de modo que o catecúmeno se perceba em relação com o Deus que o chama, poderá ser de grande auxílio nessa etapa. Ressalta-se, ainda, como a catequese bíblica, centrada na história da salvação, pode se enriquecer com uma teologia vocacional que interpela o catecúmeno, em cada passo do processo de iniciação, a se responsabilizar com a obra da redenção, segundo um projeto de vida específico de discípulo missionário.

A experiência vocacional nos sacramentos da Iniciação Cristã

56. Nos sacramentos da Iniciação, a vocação à vida cristã se manifesta, se fortalece e se renova. No Batismo, cada novo cristão pode sentir como dirigidas para si as palavras que o Pai dirigiu ao Filho: *“tu és o meu Filho amado; em ti, eu me agrado”* (Mc 1,11). Ser filho(a) no Filho, eis o chamado dos batizados, que, por sua vez, comporta uma grande missão: a de participar da vocação do Cristo tornando-se como Ele um dom para os outros.

57. Na Crisma, confere-se ao cristão o Espírito Santo, dom que o configura mais plenamente a Cristo pela unção. Como ensina o episcopado brasileiro: *“(…) a Crisma não é somente uma simples confirmação dos compromissos com o Batismo. Tem a finalidade de conferir o Espírito Santo e simbolizar a participação do fiel em Pentecostes, marcando-o como enviado na missão que Cristo deu à sua Igreja”* (Doc. CNBB 107, n. 131). Não deve passar despercebida a relação entre a Crisma e o chamado a ser evangelizador: essa unção deve ser preparada com o estímulo da consciência missionária, desse chamado derivam os vários carismas de evangelização.

58. A iniciação encontra sua maior intensidade na Eucaristia, pois é a expressão máxima do desvelamento do mistério da vida do Filho e do cristão: de ser a existência cristã um *“bem recebido que, por sua natureza, tende a se tornar bem doado”*. Na Celebração Eucarística, cada fiel se une realmente com o amor divino e, sempre e a cada vez, pode se reencontrar com a identidade pascal de sua existência, vocacionada e aberta à missão.

A inserção mistagógica na comunidade vocacional

59. O tempo da mistagogia educa para um pertencer vivo à Igreja; os recém-batizados precisam completar a IVC com a experiência da atenção e amizade da comunidade dos fiéis. Constata-se a índole comunitária do tempo da mistagogia: *“(…) os recém-batizados, com o auxílio dos padrinhos,*

10 Amedeo Cencini, **Construir cultura vocacional**, p. 34.

11 C.M. Martini e A. Vanhoye, **Bíblia e vocação**, p. 89.

12 C.M. Martini e A. Vanhoye, **Bíblia e vocação**, p. 90.

13 Amedeo Cencini, **Construir cultura vocacional**, p. 44.

entrem em relações mais estreitas com os fiéis e adquiram, assim, novo impulso e nova visão das coisas” (RICA, n. 39).

60. Da perspectiva vocacional, há na mistagogia um chamamento para ser Igreja, para vivenciar o Cristo ressuscitado na comunidade (RICA, n. 89). O catequizando que chega à contemplação dos Mistérios da Fé abre-se, nesse mesmo movimento, ao cuidado da comunidade e se reconhece como membro do Corpo místico de Cristo.

O caráter iniciático da Animação Vocacional

61. A relação de complementaridade entre a IVC e a experiência da vocação permite ainda iluminar, com características de inspiração catecumenal, os processos de animação de todas as vocações. Ordinariamente, um cristão iniciado prossegue seu caminho batismal buscando, sob inspiração da graça divina e ajuda de sua comunidade, responder ao dom da fé com o discernimento de sua vocação. A dinâmica da iniciação ao Mistério de Cristo, que se realiza plenamente na celebração dos sacramentos, pelos quais os fiéis chegam a ser objetivamente incorporados a Cristo (cf. Rm 6,5), continua seu cumprimento na busca por uma resposta pessoal ao amor recebido, em um envolvimento de procura por um modo próprio de fazer da vida um dom de amor para o bem e salvação de outros (cf. Cl 1,24).

62. A vocação, embora seja um mistério permanente e envolver Deus e o ser humano, conta também com a participação da Igreja, que, de muitos modos, cuida do nascimento e crescimento das vocações (PDV, n. 38). Essa participação eclesial se dá por meio do SAV, que se dedica especificamente à tarefa de animar, reconhecer e acompanhar todas as vocações (RFIS, n. 16). Considerando que o caminho vocacional supõe a dinâmica e as demandas do amadurecimento físico, psíquico e espiritual do ser humano, ao SAV cabe a missão de fazer com que cada pessoa, acolhendo o dom do chamado, chegue a uma opção vocacional para a vida, a ser experimentada de modo integral e gradativo em cada etapa característica da descoberta da vocação. Esse percurso denomina-se itinerário vocacional.

63. Pensar um itinerário vocacional com o estilo e o dinamismo formativo da IVC é uma urgência que responde à estrutura da atual ação

Evangelizadora da Igreja, pois “(...) não há verdadeira fé, não existe maturação da fé, não há maneira adulta de acreditar onde a fé não gera uma decisão vocacional, e onde tal decisão não cresce e se desenvolve no tempo”.

64. Da Iniciação, o processo vocacional pode aprender: a) o caráter pascal, que orienta a centrar todo o percurso vocacional na relação e identificação com o Senhor crucificado e ressuscitado; b) o caráter litúrgico, ritual e simbólico, que estimula a enriquecer os processos vocacionais com elementos simbólicos e acontecimentos celebrativos; c) o caráter comunitário, que busca integrar o vocacionado(a) na experiência comunitária e na sua autopercepção como membro do corpo eclesial de Cristo; d) o caráter da progressividade da experiência formativa e de conversão permanente, que responde à realidade da biografia pessoal, a qual cresce e amadurece com o tempo (DCq, n. 64).

Despertar para a vocação

65. O caminho da vocação, como ensinou o Papa Francisco, é o “(...) da descoberta de si mesmo à luz de Deus e [do] fazer florescer o próprio ser” (ChV, n. 257). Para dar início a esse percurso, é fundamental vivenciar a experiência do despertar vocacional, reconhecendo que toda ação evangelizadora possui um caráter *pro-vocativo*. A trajetória de cada vocação evidencia que as iniciativas da Igreja, ao se tornarem ocasião do chamado divino, favorecem esse despertar, seja por meio da oração e da participação na vida sacramental, do anúncio da Palavra e da educação na fé, dos encontros vocacionais e das experiências missionárias, da prática da caridade junto aos pobres e sofredores, do testemunho dos santos e mártires, seja ainda por meio do acompanhamento espiritual. Em todas essas ações, abundam experiências de despertar vocacional (PDV, n. 38-40).

66. As ações *pro-vocativas*, em sua rica diversidade, têm em comum o fato da presença de cristãos “chamadores”, isto é, discípulos missionários que abrem para outros o caminho do encontro com o Senhor. Eles são capazes de interpelar outros com seu modo de celebrar, anunciar, cuidar e se relacionar com o próximo, principalmente os mais necessitados. Nessas atitudes, cada cristão se comunica com a gramática do amor (ChV, n. 211), ou

14 Amedeo Cencini, **Construir cultura vocacional**, p. 79.

seja, com a linguagem dos que dão a vida; são eles precursores do chamado a testemunhar que o propósito da vida é **ser para os outros** (ChV, n. 253).

67. À luz da dinâmica da IVC, percebe-se que essa etapa do *despertar* deve ser querigmática, no sentido de ser um momento de anúncio vocacional, de encontro com uma Boa-Nova capaz de inquietar e atrair o coração, e que, ao mesmo tempo, reclama a disponibilidade de cristãos aptos a acolher esse primeiro encantamento e a motivar um percurso de descoberta de sua beleza.

Discernir e acompanhar a vocação

68. No Sínodo da Juventude, refletiu-se abundantemente acerca da relação entre discernimento e acompanhamento no processo de amadurecimento da vocação. Há, em suas conclusões, aspectos ainda em recepção no itinerário vocacional, como o de possibilitar a todos o direito a um sadio acompanhamento vocacional. Particularmente, deve-se atentar como ao tratar de discernimento vocacional quis se sublinhar a tarefa pessoal de reconhecimento da vocação (ChV, n. 283), o dever de cada pessoa em procurar “(...) reconhecer e abraçar a vontade de Deus em sua realidade concreta” (JFD, n. 104), em vista de decisões estáveis e autênticas (JFD, n. 91). Já o acompanhamento vocacional foi qualificado como um serviço eclesial de proximidade, apoio e companhia do acompanhador que assume “(...) uma função essencial de relação externa, tornando-se o mediador da presença materna da Igreja” (JFD, n. 112).

69. Essas importantes etapas do itinerário vocacional recebem da IVC inspiração quanto à sensibilidade e modalidades de viver os passos do discernimento: a escuta do sentimento, o reconhecimento do desejo, a luta com as ambiguidades e dúvidas, a coragem na decisão etc. A pedagogia da iniciação ensina que os decisivos fundamentais da vida não se fazem só com o conhecimento de conteúdos, mas podem ser enriquecidas com elementos simbólicos e celebrativos.

70. Um olhar renovado sobre o itinerário vocacional à luz do período do catecumenato, assimilando-o ao discernimento e acompanhamento,

15 Amedeo Cencini, *Os passos do discernimento*, p. 49-86.

ajudará a considerar, com maior interesse, como o ser humano se familiariza de modo gradual e progressivo com o mistério de sua vocação por meio do *silêncio, do símbolo, da palavra e do rito*; sobretudo para que o itinerário vocacional chegue a ser aprimorado com propostas mais sensíveis à escuta, à valorização do simbólico e à celebração dos momentos fundamentais do discernimento vocacional no seio da comunidade.

Cultivar a vocação

71. Na dinâmica do amadurecimento humano, o termo “cultivo” serve, preferencialmente, para exprimir a ideia de educação, formação e aperfeiçoamento. Aplicado à experiência vocacional, pode ser relacionado com o tempo da educação e formação da pessoa na vivência de sua vocação. O itinerário vocacional, como visto até agora, não perfaz todo o percurso de uma vocação, mas a acompanha no processo do primeiro discernimento. Uma escolha vocacional, observando todas as vocações específicas, é a finalidade do itinerário, mas não seu ponto final. Abre-se com essa decisão o período da formação inicial, para todas as vocações, tempo da identificação progressiva e profunda com a identidade e o modo de ser de Jesus Cristo.¹⁶

72. À luz da mistagogia da IVC, que sublinha a importância de uma progressão mais completa e vivencial do Mistério pascal no ambiente da comunidade (RICA, n. 37-38), é importante compreender a etapa do cultivar como um momento para sintetizar as etapas já percorridas, ao redor de seu centro vivo, que é Cristo, aprofundando o sentido da responsabilidade cristã com o dom de ser chamado. Nesta etapa, é necessário compreender que o *sim vocacional* faz parte de um percurso que irá envolver a totalidade da pessoa, em uma história vocacional, que deve estar em conversão permanente para Cristo, por meio da formação inicial, da formação permanente e na finitude da vida.¹⁷

73. O Itinerário Vocacional tem um papel fundamental no caminho de quem busca responder ao chamado de Deus. É importante lembrar que cada etapa desse processo tem seu valor e não deve ser apressada ou

16 Amedeo Cencini, *Árvore da vida*, p. 343.

17 Amedeo Cencini, *Árvore da vida*, p. 184-185.

ignorada. Respeitar o tempo de amadurecimento e discernimento ajuda a construir uma resposta mais segura e verdadeira. Quando se vive cada momento com calma e atenção, a caminhada vocacional se torna mais sólida e significativa, permitindo que a pessoa se aproxime, de fato, do jeito de ser de Cristo e assuma, com responsabilidade, a missão que lhe é confiada.

Perfil das juventudes

74. Considerando jovens as pessoas entre 15 e 29 anos,¹⁸ os dados do último censo demográfico disponibilizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas)¹⁹ apontam que uma parte significativa da população brasileira se encontra nessa faixa etária. É bem verdade que, se comparado com o censo anterior, é possível verificar uma queda nessa faixa etária, mas, ainda assim, os jovens continuam sendo um número considerável da população brasileira, compreendendo cerca de 22,31% da população.

75. Ainda considerando esses dados, mas levando em conta apenas o aspecto religioso, pesquisas indicam que muitos jovens se identificam com o catolicismo. No entanto, é possível observar o crescimento dos evangélicos dentro da mesma faixa etária.²⁰ Pode-se dizer que a Igreja no Brasil, quando comparada com a Igreja na Europa, por exemplo, é formada por muitos jovens. Isso merece atenção, uma vez que as pesquisas recentes vêm indicando que essa perspectiva está mudando.

76. Quando se fala sobre o perfil das juventudes da Igreja no Brasil, é necessário seguir a pedagogia da escuta e da acolhida para compreender melhor seus sonhos, anseios e necessidades. Além dos aspectos sociais, também há uma enorme diversidade nos carismas. A diversidade juvenil é um dom para a Igreja, como já afirmava o Apóstolo Paulo (cf. 1Cor 12,4-31). São diversas as expressões juvenis no Brasil, cada uma com seu carisma e espiritualidade, algumas mais contemplativas, outras mais ativas na

18Conforme Lei n. 10.515/2002 (Estatuto da Juventude).

19 A população de jovens é de 22,31% em relação à população geral brasileira, o que compreende 45,3 milhões de pessoas (BRASIL, *Censo 2022*).

20 Matheus Cavalcanti Pestana, *As religiões no Brasil*.

dimensão da ação social, mas todas enriquecendo a Igreja. Essa diversidade não é exclusividade da comunidade cristã, mas da juventude de modo geral, como recordou o Papa Francisco ao dizer que “(...) existe uma pluralidade de mundos juvenis, tanto assim, que em alguns países há uma tendência a usar o termo ‘juventudes’ no plural” (ChV, n. 68).

Encontrar os jovens e despertá-los para o chamado vocacional

77. Um dos maiores desafios para a animação vocacional é, sem dúvida, promover o verdadeiro encontro com as juventudes. Jesus oferece o exemplo supremo desse encontro. Ao ler os Evangelhos, percebe-se que Ele não era apenas um pregador que reunia multidões para falar, nem alguém que visava aumentar seu *engajamento* ou sua popularidade. Jesus fazia questão de escutar, fixava seu olhar em cada pessoa e se deixava tocar profundamente pela compaixão. Sua mensagem nunca era distante ou indiferente; pelo contrário, estava sempre conectada à realidade concreta das pessoas, considerando suas histórias e particularidades.

78. Ao olhar as diferentes realidades juvenis, é importante reconhecer que não se pode tratar todos os jovens como se vivessem as mesmas experiências ou enfrentassem os mesmos desafios. Afinal, “(...) a realidade social demonstra (...) que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades”.²¹

79. As juventudes, com suas potencialidades e fragilidades, dinamizam a vida da comunidade. Por um lado, elas são destinatárias do anúncio que pode despertar uma profunda experiência de fé, por outro, são uma presença a convocar a Igreja a lançar-se sempre mais mar adentro nas alegrias e angústias que marcam a experiência de vida das novas gerações.

80. O encontro da Igreja com as juventudes, como incentivava o Papa Francisco, deve alicerçar-se sempre nas ações de *busca* e de *crescimento*: a comunidade encontra as juventudes quando “(...) [se atreve]

21 L. C. G. Esteves; M. Abramovay, *Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas*.

a semear o primeiro anúncio nessa terra fértil que é o coração de outro jovem” (ChV, n. 210), mas também quando, após ter provocado nos jovens uma experiência intensa de Jesus, dedica-se ao “(...) aprofundamento do *kerygma*, (...) [e ao] crescimento no amor fraterno, na vida comunitária, no serviço” (ChV, n. 213).

81. Nesse sentido, a comunidade local é comunidade vocacional quando, mediante as iniciativas de encontro com Cristo e com os outros, ajuda os jovens a descobrir e amadurecer os dons, e a corresponder ao chamado específico, como ensina a Palavra de Deus: “há mais felicidade em dar, do que em receber” (At 20,35b). A presença dos jovens é uma riqueza para a comunidade, por isso, “(...) a Igreja não trabalha com a juventude somente para buscar vocações que garantam sua continuidade, mas sim para despertar a riqueza que trazem, ajudando-os a descobrir a vocação para serviço do reino e transformação da Igreja e de toda a sociedade” (Doc. CNBB 85, n. 70).

Os jovens como “agora de Deus” e protagonistas da história

82. Reconhecer que os jovens enriquecem a comunidade é reconhecer que eles são o agora de Deus: “(...) não podemos dizer apenas que os jovens são o futuro do mundo. São o presente, o estão enriquecendo com sua contribuição” (ChV, n. 64). Os jovens devem contribuir com a comunidade, mas, sobretudo, são parte dela, enriquecendo-a com seus dons e talentos, e não apenas com os seus serviços. É importante criar e abrir espaços nos quais os jovens assumam um protagonismo e não apenas sejam receptores da mensagem que é transmitida pelos adultos.

83. Os jovens, em diversos momentos da história, desempenharam um papel importante em diversas partes do mundo, assumindo protagonismo e liderança, ocupando espaços públicos, articulando manifestações para reivindicar transformações sociais, econômicas e culturais. Também na história recente da Igreja, foram diversos os jovens que, assumindo sua vocação, tornaram-se protagonistas de mudanças em suas respectivas comunidades, como o Beato Pier Giorgio Frassati, que participou ativamente das confrarias católicas que ajudavam os mais pobres em Turim, na Itália. E Marcelo Callo, jovem francês que se engajou na JOC (Juventude Operária Católica), em pleno avanço da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido,

vale reforçar como a vocação dos jovens transcende à simples presença passiva ou receptiva na comunidade.

84. Deus continua chamando os jovens, dos modos mais diversos e inimagináveis. Por isso, é importante os espaços de escuta, nos quais eles possam ser acolhidos, manifestando suas dúvidas e anseios, “(...) amados como são e pelo que são”,²² e ajudados a discernir e responder ao chamado. A comunidade vocacional é o lugar ordinário para o discernimento, por meio da acolhida e da escuta. É também lugar do anúncio e do encontro com Cristo, em torno da Palavra e da Eucaristia. Desse encontro pessoal, nascem o comprometimento e o protagonismo no compromisso com o Reino de Deus.

85. A sabedoria das pessoas idosas deve ser sempre valorizada, conforme recordam diversos textos bíblicos (cf. Lv 19,32; Sl 92,14; Pr 16,31; Jó 12,12; 1Tm 5,1). Jovens que desejam trilhar um caminho vocacional maduro precisam escutar e aprender com os mais velhos, enquanto testemunhas credíveis da vocação. O Papa Francisco destacou durante seu pontificado — em seu convite ao encontro entre a riqueza viva da experiência dos mais velhos e a energia exuberante da juventude — que o valor e o respeito devidos às pessoas idosas continuam a ressoar fortemente. Por meio das relações intergeracionais, torna-se possível construir uma humanidade renovada, na qual sabedoria e vitalidade se unem em um projeto sólido de sociedade: “se o jovem soubesse e o velho pudesse, não haveria coisa que não se fizesse” (ChV, n. 191).

Os jovens, o discernimento e o acompanhamento vocacional

86. O período da juventude é, naturalmente, um tempo de discernimento, uma vez que nesta fase intensificam-se os processos de descoberta, acompanhados muitas vezes por medos, receios e incertezas. Diante de tantas escolhas impulsionadas pela globalização e pelas redes sociais, um leque de múltiplas possibilidades se desdobra diante dos jovens. Como fazer a melhor escolha sem se deixar levar pelas paixões e ilusões?

²² Francisco, *Mensagem aos participantes no congresso sobre o tema: “Pastoral vocacional e vida consagrada. Horizontes e esperanças”*.

87. O acompanhamento vocacional das juventudes é fundamental para ajudá-las a discernir o sentido profundo de suas vidas, em meio aos desafios e às incertezas do mundo contemporâneo. Esse processo não se limita à escolha de uma profissão ou estado de vida, mas é um caminho de escuta, diálogo e amadurecimento pessoal e espiritual. Ao serem acompanhados com empatia, acolhida e testemunho autêntico, os jovens se sentem encorajados a responder ao chamado de Deus com liberdade e responsabilidade, descobrindo sua missão na Igreja e na sociedade.

88. O Papa Francisco alertou que, “(...) sem a sapiência do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em marionetes à mercê das tendências da ocasião” (GeE, n. 167). Nesse processo, não só a comunidade cristã precisa estar envolvida, mas também a família, que é Igreja doméstica, e as demais pessoas que se apresentem de maneira significativa na vida deles, como os professores e outros profissionais que, de alguma forma, exercem algum acompanhamento (JFD, n. 93).

89. Atendendo ao apelo dos jovens, na *Christus vivit* se reconhece explicitamente a importância de formar pessoas capacitadas para acompanhar as juventudes em seu caminho de fé. O documento destaca que os jovens esperam encontrar em seus acompanhantes algumas qualidades essenciais, como a busca constante pela santidade, a capacidade de compreender sem julgar, a escuta atenta e a resposta gentil às necessidades juvenis. Além disso, ressalta-se a importância de ser bondoso, ter autoconhecimento, reconhecer os próprios limites e compreender tanto as alegrias quanto os desafios inerentes ao percurso espiritual. O papel dos acompanhantes não é transformar os jovens em seguidores passivos, mas caminhar ao lado deles, permitindo que sejam protagonistas de sua própria trajetória. É fundamental, portanto, respeitar a liberdade do jovem em seu processo de discernimento e oferecer-lhe instrumentos para que possa fazer as melhores escolhas, sempre acreditando em sua capacidade de participar ativamente da vida da Igreja (ChV, n. 246).

90. Uma comunidade vocacional, atenta aos sinais dos tempos e, de modo específico, atenta aos sinais que os jovens mostram, encontra nas linhas acima uma grande ajuda para acolher e escutar as juventudes, respeitando seu protagonismo e acompanhando seus processos e projetos de vida.

Cultivar a vida interior

91. O cultivo da espiritualidade alimenta a escolha vocacional, ajuda a realizar um caminho de amadurecimento e firmeza em Deus; auxiliando, sobretudo, cada um a ser consciente e a assumir com inteireza a sua vocação. Por essa razão, a vida de oração possibilita a experiência de fé, em que se estabelece um contato afetoso com Deus, uma intimidade na qual se pode louvar, agradecer, partilhar a vida e, conseqüentemente, perceber o amor de Deus, que norteia o caminhar.

92. Neste tempo de tantos barulhos e vozes e de uma sociedade marcada pela cultura do descarte, é importante que a comunidade seja esse espaço do silêncio, proporcionando o encontro com Deus, que fala ao coração. Não se trata apenas de um espaço no qual se foge do mundo ou no qual se promovem os discursos acerca de Deus, mas de um espaço no qual se promovem encontros mistagógicos por meio da espiritualidade, da liturgia e dos sacramentos. O cultivo da vida espiritual deve ser orientado pela Palavra de Deus por meio de retiros, de devoções, da piedade popular e do aconselhamento e direção espiritual.

93. A dinâmica sinodal indica que ninguém é capaz de trilhar sozinho, de forma plena e autêntica, o caminho da espiritualidade. O crescimento espiritual exige apoio, orientação e partilha, tanto no âmbito pessoal quanto comunitário. O acompanhamento espiritual é fundamental, pois oferece suporte, esclarecimento e encorajamento diante dos desafios e dúvidas que surgem ao longo da jornada. A presença de pessoas preparadas para a escuta e o aconselhamento espiritual dos jovens deve se tornar um anseio prioritário de comunidades vocacionais. Essa modalidade de acompanhamento, por ser direcionada a todas as pessoas, procurará orientar as juventudes nas questões do amadurecimento humano e cristão, considerando-as como oportunidades para semear a proposta das vocações específicas (Doc. CNBB 75, n. 43).

94. A direção espiritual, por sua vez, é uma das atribuições fundamentais do ministério pastoral. Constitui-se como uma missão eclesial que, enraizada na dimensão carismática da Igreja, oferece aos vocacionados(as), por meio de verdadeiros mestres de vida interior e oração, condução e

condições de acolher o chamado divino e respondê-lo com liberdade.²³ Ao promover o fortalecimento do vínculo com Deus, a direção espiritual aprofunda o sentimento de pertença à comunidade cristã, tornando-se um recurso fundamental para a formação de discípulos missionários. Isso implica que, para ser efetiva, é necessário que a pessoa já tenha uma vivência de fé consolidada.

95. É importante compreender que o diretor espiritual nunca deve exercer uma postura autoritária e possessiva, mas sim a postura de um servidor, que caminha ao lado do vocacionado, auxiliando-o a encontrar o propósito e o rumo de sua existência à luz do Evangelho.²⁴ Assim, o diretor espiritual se destaca por suas virtudes humanas e espirituais, sendo um verdadeiro mistagogo: alguém que, com desprendimento e fidelidade à Igreja, orienta o fiel a vivenciar uma experiência genuína de Deus, da qual derivarão suas atitudes e escolhas.

96. Para além dos encontros e acompanhamento da comunidade, os jovens são chamados a responder ao dom da vocação com a busca pessoal de autêntica vida interior, sobretudo cultivando o encontro com Cristo na intimidade do quarto a portas fechadas (cf. Mt 6,6). Escutá-lo “é uma tarefa que requer espaços e solidão, porque se trata de uma decisão muito pessoal que mais ninguém pode tomar em nosso lugar” (ChV, n. 283).

97. A vida interior é um convite a mergulhar na profundidade do amor de Deus, que nos amou primeiro e nos escolheu. Para ter uma vida interior autêntica, é preciso fugir da lógica da sociedade hodierna, que pede sempre mais, sem se importar com as realidades e com o ser humano. É preciso “voltar a falar do coração; indicar onde cada pessoa, de qualquer classe e condição, faz a própria síntese; onde os seres concretos encontram a fonte e a raiz de todas as suas outras potências, convicções, paixões e escolhas” (DN, n. 9).

23 Dom Cícero A. França, *Direção espiritual e aconselhamento pastoral*.

24 Tomás R. Miranda, *A direção espiritual: pastoral do acompanhamento espiritual*, p. 14-15.



- Como valorizar a dimensão vocacional nas etapas da Iniciação à Vida Cristã (primeiro anúncio, catecumenato, celebração dos sacramentos)?
 - Sugira atividades inspiradas no processo da Iniciação à Vida Cristã para cada etapa do itinerário vocacional (despertar, discernir, acompanhar e cultivar).
- Quais iniciativas acontecem em sua comunidade que possibilitam aos jovens a reflexão sobre a vocação?
 - Sugira metas para que o SAV cumpra a tarefa de acompanhar o discernimento vocacional das juventudes.

Envie as respostas às questões por meio do QRcode ao lado.



Obs.: Por comunidade entende-se as pequenas comunidades eclesiais, as paróquias, dioceses, regionais, institutos religiosos e de vida consagrada, novas comunidades, grupos pastorais, movimentos e afins.

PARTE III: TESTEMUNHO

98. Além da dimensão do encontro, outro elemento fundamental para a constituição de uma comunidade vocacional é o testemunho. Como se refletirá nesta parte, ele acontece principalmente: pelas atitudes que caracterizam a fé em Jesus e a perseverança no discipulado; pela conversão como elemento de renovação e integração; e pela unidade e comunhão, que criam vínculo e sentido de pertença à comunidade.

99. O testemunho educa para a vida da Igreja.²⁵ É a resultante daquilo que se prega com aquilo que se vive, dos valores internalizados e como são expressos. A origem grega da palavra *martyrs*, *martyria*, está associada a dar testemunho, a ser testemunha, como algo que exige, engaja e compromete a vida da pessoa a partir da própria missão recebida.²⁶ O caminho de fé constrói-se sobre os ombros daqueles que, pela vocação, não recuaram diante das ameaças à própria vida, sendo testemunhas de Jesus aos demais membros da comunidade.

100. Há uma correlação entre *martyria* e vocação, na medida em que se acolhe o chamado (*vocatio*, *ōnis*) como um percurso de fidelidade que compromete e envolve toda a vida. Pode-se falar assim, em certo aspecto, de uma *martyria* vocacional. O testemunho confirma a vocação recebida como graça e como missão. A comunidade vocacional depende fundamentalmente de tal testemunho, que toca a todos indistintamente, pois trata-se da vida de fé. Tudo isso pode ser concretizado em um testemunho individual e comunitário.

Testemunhas de novas relações

101. O testemunho se revela nas atitudes. A vida cristã fundamenta-se essencialmente naquilo que se é e se faz. Não adianta a pessoa

²⁵ *Dizionario di pastorale vocazionale*, p. 1202.

²⁶ *Dicionário de espiritualidade*, p. 698s.

possuir um belo discurso se suas ações contradizem suas palavras; ou uma comunidade possuir um belo projeto pastoral se, no seu cotidiano, o que está no papel não chega à vida das pessoas pela vivência da fé, da comunhão e da solidariedade (FT, n. 219).

102. Certos comportamentos revelam o espírito que orienta as atitudes, pois estas são antecedidas por motivações que lhes conferem consistência e direção. Por esse motivo, é necessário adotar atitudes pautadas pela empatia, já que as motivações direcionam energias e esforços para a realização de projetos pessoais ou coletivos. No âmbito da animação vocacional, destaca-se a importância de cultivar atitudes empáticas, expressas por meio da acolhida, hospitalidade, fraternidade e alegria.

Atitudes Vocacionais

103. A acolhida propicia segurança e proteção. Muitas foram as pessoas que queriam ser tocadas ou transformadas por Jesus, algumas tiveram a possibilidade de o acolher em suas casas (cf. Mt 9,10; Lc 19,5). Uma comunidade vocacional deve ser espaço de acolhida para todas as pessoas que necessitam de algo, seja material ou espiritual. A acolhida remete à atitude da disponibilidade. É muito comum a constatação da falta de tempo ou a sobrecarga de atividades. Talvez isso seja realmente verdadeiro, mas todos correm o risco de dedicar suas forças a projetos, enquanto esquecem as necessidades do outro. Portanto, acolher de maneira efetiva todas as pessoas, independente de quem sejam, é o maior testemunho vocacional da comunidade.

104. A filha da acolhida é a hospitalidade. Como é bom, como é agradável ser bem recebido pelas pessoas. Demonstra-se por esta atitude, incondicionalmente, o valor da pessoa humana, no respeito e na dignidade que ela merece (cf. Lc 10,34). A hospitalidade revela um tratamento de iguais, que oferece dignidade e respeito ao outro. Jesus nasceu em uma manjedoura porque não encontrou lugar na hospedaria (cf. Lc 2,7). Comunidades hospitaleiras despertam a chama vocacional. É possível sentir nela o clima da harmonia, da integração, do respeito, da compaixão, elementos que suscitam nas pessoas o chamado, fazendo emergir o que há de melhor dentro delas.

105. A fraternidade torna a comunidade responsável pelo bem comum²⁷. Ela é reflexo da vida interior, pois “a estatura espiritual de uma vida humana é medida pelo amor” (FT, n. 92). A fraternidade exige, igualmente, um espírito de serviço e doação, como Jesus ensinou para seus discípulos (Jo 13,14). Não se constrói uma comunidade vocacional se não há a atitude da disponibilidade em querer ajudar e contribuir para o bem e o crescimento do outro (ChV, n. 253).

106. A alegria, mais que um simples sentimento ou uma emoção, é uma característica vocacional; ela diz acerca do estado de ânimo espiritual e existencial. A alegria motiva, fortalece e contagia outras pessoas. Pessoas realizadas vocacionalmente transmitem alegria no que fazem. É impossível não se alegrar quando, diante dos olhos, se contempla uma comunidade acolhedora, hospitaleira e fraterna. A alegria é um componente da espiritualidade. Como algo identitário, “deve ser a característica de nossa fé”²⁸.

Unidade e comunhão

107. O testemunho vocacional passa necessariamente por estes dois elementos essenciais à vida da Igreja: a unidade e a comunhão. Eles permitem que a Igreja constitua um só Corpo, no qual o núcleo, o centro catalizador em que tudo flui, como princípio e como fim, seja Jesus. Bebendo das fontes da eclesiologia do Vaticano II, a Igreja é “o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG, n. 4). A Trindade é símbolo da verdadeira comunidade. Jesus é a Videira, nós somos os ramos, e Deus é o Agricultor. Todo aquele que está ligado ao tronco produz frutos (cf. Jo 15,1).

108. A unidade é o princípio norteador em que se pode contemplar um horizonte. Sua vivência evita a fragmentação, permitindo que, no interior da Igreja, a diversidade de vocações, ministérios e serviços sejam vistos não como atividades isoladas em si mesmas, mas como complementares, em que o objetivo maior a ser alcançado é a missão.

109. A comunhão, essencialmente, diz sobre aquilo que é partilhado por todos. A expressão grega, *koinonia*, como já detalhado na primeira parte

²⁷ *Texto-Base do 3º Ano Vocacional do Brasil*, n. 151.

²⁸ Francisco, *Angelus*, 13 de dezembro de 2020.

do texto, refere-se tanto à comunhão com Deus quanto à relação com os irmãos(ãs), tornando-se elemento salvífico. Somente pela comunhão com os irmãos(ãs) o ser humano responderá à sua vocação.

110. A comunhão e a unidade da Igreja revelam-se na harmonia que integra a diversidade de seus membros. O Papa Francisco valeu-se, por diversas vezes, da imagem da sinfonia para expressar a diversidade de vocações, dons e talentos da comunidade: “na Igreja, somos todos servos e servas, segundo diversas vocações, carismas e ministérios. (...) Só na relação com todas as outras é que cada vocação específica na Igreja se revela plenamente com a sua própria verdade e riqueza”.²⁹

111. É preciso sublinhar que unidade não significa uniformidade (NMI, n. 46). Por vezes, confundem-se tais expressões, pensando-se que na Igreja não há espaço para o diferente. A riqueza está justamente na sua diversidade. Em outra ocasião, o Papa Francisco usou a imagem do poliedro para falar dessa diversidade, tão importante que está na origem da própria identidade da Igreja (EG, n. 236). É fundamental para o testemunho vocacional da comunidade que ela seja capaz de criar unidade sem diminuir ou desqualificar sua diversidade.

112. A harmonia indica a criatividade. Onde todos são uniformes, não há espaço para a criação. É na composição da diversidade e sua harmonização que nascem sempre coisas novas. É preciso perceber isso na diversidade vocacional, cultural, social, etária etc. Se o diferente ainda incomoda, é porque não se é capaz de perceber a riqueza que existe no outro, nem de como ele pode somar em benefício de todos e não apenas de viver em vista de si mesmo.

Vocacionados à sinodalidade

113. A sinodalidade constitui uma dimensão fundamental da Igreja, refletindo-se em sua estrutura organizacional, que valoriza a complementaridade entre suas diversas partes, sem perder de vista a unidade e a comunhão. Esse princípio expressa o modo próprio de ser e agir do Povo de Deus, caracterizando-se pelo caminhar juntos, pelo reunir-se

29 Francisco, *Mensagem para o 60º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

em assembleia e pela participação ativa de todos os membros na missão evangelizadora. Dessa forma, a sinodalidade concretiza a vivência da comunhão e assegura que cada fiel contribua de maneira efetiva para a vida e a missão da Igreja (SVMI, n. 6).

114. Vocacionados à sinodalidade significa que, enquanto Igreja, existe o dever de caminhar juntos, em uma mesma direção; significa não deixar ninguém para trás, nem ser indiferente às situações que ameaçam a vida das pessoas, ou indiferente, em particular, à Casa Comum (LS, n. 5); significa ser capaz de se comunicar em uma mesma linguagem, na qual sentimentos sejam acolhidos, ações sejam somadas e forças multiplicadas.

115. A sinodalidade representa o modo próprio de Deus caminhar com o seu Povo, conforme ressaltado durante o Sínodo sobre a Sinodalidade. Em um contexto marcado pelo individualismo nas culturas e sociedades atuais, a Igreja, entendida como um Povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é chamada a testemunhar a força das relações fundamentadas na Trindade. As diversas vocações, idades, gêneros, profissões, condições e pertencimentos sociais presentes em cada comunidade cristã proporcionam a cada pessoa a oportunidade de encontrar a alteridade, elemento essencial para o amadurecimento pessoal e comunitário (PIS, n. 34).

O discernimento

116. Todo processo de discernimento vocacional visa à configuração à Pessoa de Jesus, seja de forma individual ou coletiva. Esse percurso representa uma proposta pedagógica presente em cada reunião, capacitação, celebração ou ação realizada na comunidade. Cada momento se transforma em uma oportunidade de suscitar o chamado no íntimo de cada indivíduo, bem como de auxiliá-lo a encontrar respostas para suas questões mais profundas, espirituais e existenciais. Trata-se de apoiar todas as pessoas na busca pelo significado de suas vidas.

117. O processo do discernimento pode ser utilizado em momentos específicos da vida comunitária. *Em torno do pão:* a Eucaristia constitui o espaço privilegiado onde a sensibilidade vocacional se revela. O Pão Eucarístico representa o encontro íntimo com Jesus (cf. Lc 24,32). *Em torno da Palavra:* o discernimento não se realiza quando o coração e os ouvidos estão fechados à mensagem divina, pois é ela que nutre o

interior e tem o poder de fazer arder o coração (cf. Lc 24,32). *Em torno da oração*: a espiritualidade fortalece a existência das pessoas, e um coração atento ao sofrimento alheio intercede pelas vocações. É da compaixão que nasce a prece por mais trabalhadores para a messe (cf. Mt 9,38). *Em torno do alimento partilhado*: não há discernimento vocacional autêntico sem solidariedade, se o coração não estiver aberto às necessidades do próximo.³⁰

118. É por meio dessas práticas e experiências que se torna possível reconhecer se o discernimento está efetivamente ocorrendo na comunidade ou se permanece apenas como uma iniciativa pontual motivada pela boa vontade de alguns. Uma comunidade vocacional mantém sempre, mesmo diante das adversidades, uma perspectiva de esperança em relação ao presente e ao futuro (SnC, n. 1).

Conversão das atitudes

119. A dimensão do testemunho exige da comunidade abertura e capacidade de reconciliação. Além da dimensão sacramental, que é muito importante à vida pessoal e comunitária, faz-se necessário estabelecer mecanismos pastorais de avaliação, de modo que, na escuta do outro, no diálogo franco e transparente, busquem-se caminhos condizentes com o seguimento de Jesus (ISM, c. 16a, p. 93).

120. A transformação das relações interpessoais constitui um aspecto fundamental da vivência da fé. O anseio por vínculos mais autênticos e significativos vai além do simples desejo de pertencer a um grupo unido; reflete, na verdade, uma profunda consciência de fé. A qualidade evangélica dos relacionamentos dentro da comunidade é determinante para o testemunho que o Povo de Deus é chamado a oferecer ao longo da história (PIS, n. 50).

121. O amor deve fazer superar toda forma de divisão, intriga, conflito no seio da comunidade, pois significa exatamente fazer o bem, ajudar o próximo, sem esperar nada em troca. Em ambientes dominados pelo amor, é mais propício o despertar das vocações para o seguimento de Cristo, em uma verdadeira primavera das vocações para toda a Igreja.³¹

30 Francisco, *Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

31 Francisco, *Discurso aos participantes dos capítulos gerais dos irmãos e irmãs da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria (Picpus) e das Irmãs do Divino Salvador*.

Novas relações

122. A convivência de Jesus com seus discípulos é um belo testemunho a ser seguido pelas comunidades. Pelo amor uns para com os outros é que reconhecerão quem são seus discípulos (cf. Jo 13,35); ou pela atitude de serviço, na qual quem quiser ser o maior, seja o servidor, quem quiser ser o primeiro, esteja a serviço de todos (cf. Mc 10,43-44). Nesse sentido, importa levar em conta também a qualidade da vida comum, “(...) não basta ter estruturas, se nelas não se desenvolvem relações autênticas; na verdade, é a qualidade dessas relações que evangeliza” (JFD, n. 128).

123. Há situações de desigualdade na vida da comunidade que precisam ainda ser transformadas. A conversão das relações em uma comunidade vocacional diz respeito a todas as pessoas, indistintamente, de modo que o essencial, no que se refere ao testemunho missionário, deve ser vivido por todos, em um lugar onde todos possam ser um em Cristo (cf. Rm 12,5).

124. O exercício da escuta é um dos componentes que contribui para a construção de novas relações no seio da comunidade (PIS, n. 55). Ninguém é dono da verdade, mas busca-se, caminhando juntos, encontrar as respostas às questões mais urgentes. A comunidade que escuta, acolhe e perdoa se torna um verdadeiro sinal de esperança vocacional.

O sonho de novas comunidades

125. Um dos desafios da animação vocacional não é apenas chamar individualmente, mas motivar comunitariamente a atitude de chamar (DAp, n. 145). O trabalho individual e comunitário é fundamental para a construção de uma Igreja missionária; e uma das maiores questões que se impõem é construir comunidade de chamados a chamar, na qual tudo assume o viés vocacional (ChV, n. 254).

126. O processo vocacional, pessoal e comunitário, acontece quando a comunidade assume o papel de uma Igreja que ensina a caminhar, caminhando ao lado das pessoas (ISM, c. 3b, p. 27). O primeiro passo de todo o itinerário vocacional se dá no Batismo, porta de entrada da vida cristã e missionária. Os Sacramentos da Eucaristia e da Crisma atestam...

os dons recebidos anteriormente, enriquecendo os fiéis com os dons do Espírito (ISM, c. 3d; 3e, p. 28-29).

127. Neste ambiente eclesial, cada cristão deve ter a consciência não apenas de se sentir chamado, mas de assumir a responsabilidade de chamar outros. Esse processo vocacional envolve todas as expressões da ação evangelizadora da Igreja e, de igual modo, a diversidade de vocações, ministérios e serviços nela existentes, como princípio de colaboração e corresponsabilidade em sua vida e missão.

Comunidade: espaço da escuta

128. Nas comunidades em que há espaço para o diálogo e para escuta, as interações acontecem com maior naturalidade e o aprendizado se torna muito mais enriquecedor. Nesse sentido, é fundamental criar espaços onde todas as pessoas, sem distinção, possam se expressar, serem ouvidas, na certeza da acolhida e do respeito. Tal iniciativa está em consonância com a própria ideia de sinodalidade, quando se emprega a metodologia da conversa no Espírito. Aqui é o próprio Espírito que fala por meio das pessoas e a escuta é a forma de não o impedir de falar (PIS, n. 45).

129. Em comunidades assim constituídas, ninguém é dono da verdade, ninguém se apropria da Palavra, ninguém encontra caminhos e soluções sozinho. A interatividade permite trilhar caminhos mais consistentes, em que o apoio e a solidariedade fortalecem o espírito para a missão. Como diz o provérbio africano: “se queres andar rápido, caminha sozinho. Se queres ir longe, caminha com os outros” (ChV, n. 167).

Comunidade: espaço do afeto

130. Nascemos como seres afetivos, assim como seres portadores de racionalidade. O afeto está na base dos sentimentos. Somos afetivos quando conseguimos manifestar nossa alegria, tristeza, realização, contentamento, ou quando, pela empatia, somos receptivos aos sentimentos manifestados pelos outros. Uma comunidade vocacional é afetiva quando é capaz de acolher, motivar, cultivar o que há de melhor nas pessoas, fazendo-as superar suas inconsistências, ajudando-as em seu crescimento e amadurecimento.

131. Além da estrutura organizativa da comunidade, importante para a ação evangelizadora, é fundamental que ela consiga manifestar, do ponto de vista da sensibilidade, seus afetos, e do ponto de vista da fé, sua compaixão; que consiga transmitir calor humano, receptividade motivacional, em uma verdadeira — poderíamos dizer — afetividade vocacional. Nessa dinâmica, a comunidade se torna inspiração para o chamado e promotora do discernimento vocacional.

132. Comunidades afetivas sensibilizam a temática vocacional, não de uma, mas de todas as vocações. O sentido e a realização de vida passam necessariamente pela dimensão vocacional, em que a pessoa se sente amada e chamada por Deus. Pessoas felizes e realizadas vocacionalmente manifestam comunitariamente, onde se encontram, a alegria de ser de Deus e para Deus, tornando-se, assim, comunidades nas quais realmente Deus possa ser encontrado.

Comunidade: espaço do servir

133. A espiritualidade sinodal compreende que cada vocação, ministério e serviço na Igreja tem a sua especificidade e o seu valor, e que todas elas só têm razão de existir se forem vividas na gratuidade. Nessa postura de abertura, que cria cooperação e integra todos, cada pessoa é chamada a ser artífice da unidade e da comunhão.

134. A comunidade é lugar e espaço do serviço ao próximo, principalmente aos pobres. Santo Inácio de Loyola ensinava que o amor consiste mais em obras do que em palavras. Assim sendo, a comunidade é chamada a amar a todos, especialmente aos pobres, sobretudo por meio de suas ações; nisso consiste a autoridade, que não deve ser um exercício de poder, mas a vivência plena do amor gratuito daquele que amou por primeiro (PIS, n. 91). O exercício da autoridade, se bem compreendido, conduz à plena vivência da unidade e da comunhão entre as pessoas. Não é um exercício monocrático, mas a capacidade de criar cooperação e integrar todas as forças em vista de um projeto comum: a ação missionária. Nesse sentido, a autoridade está para sinodalidade e não para a autorreferencialidade.

32 Francisco, O Papa: a autoridade não é comando, mas coerência e testemunho.

135. A hierarquia na Igreja só tem sentido de existir se for colocada na dinâmica da disponibilidade e do despojamento total. Quanto maior a autoridade, maior a responsabilidade de se pôr a serviço dos outros. Nessa concepção, a dinâmica muda radicalmente: passa-se da centralidade do papel da autoridade à centralidade da dinâmica da fraternidade (PVN, n. 41). É para essa fraternidade que, em comunidade, todos são chamados a testemunhar sua vocação.

Comunidade: espaço de comunicar

136. Os relatos de vocação nas Sagradas Escrituras revelam que não existem limites geográficos ou temporais para o momento no qual Deus deseja chamar alguém para exercer uma missão. É claro que Deus se comunica no espaço religioso, mas nos relatos vocacionais se revela uma constante: o chamado se dá no espaço público, vide Mateus (cf. Mt 9,9-13), Pedro e André (cf. Mc 1,16-20), que recebem o chamado em seus respectivos locais de trabalho. Sendo assim, iluminados pelo testemunho bíblico, percebe-se que o testemunho vocacional acontece para além dos espaços religiosos, sejam eles os espaços físicos ou os “areópagos do mundo moderno” (RMÍ, n. 37), no caso, os setores de comunicação.

137. Desde a publicação do Decreto *Inter mirifica*, em 1963, a Igreja assumiu uma visão otimista da comunicação, não a limitando apenas à técnica, mas enxergando-a como oportunidade de se relacionar com as pessoas. A partir de então, a Igreja começou a marcar presença nesses espaços, por meio de inúmeras emissoras de rádio e TV que levam o Evangelho a tantos lares, podendo produzir frutos de conversão.

138. Para além dos meios convencionais de comunicação, a Igreja também vem reconhecendo e legitimando a missão nas redes sociais, cada vez mais utilizadas, as quais têm no Brasil, segundo o relatório Comscore³³ de 2023, o terceiro maior número de usuários do mundo. Ocupar os areópagos digitais³⁴ é importante, ainda mais pela proximidade e oportunidades de encontro que as redes sociais podem promover; mas também é preciso

³³ Comscore, *Apresentações e tendências digitais*.

³⁴ Bento XVI, *Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

estar atento, afinal, não basta comunicar uma mensagem para consumo, nem multiplicar informações vazias de sabedoria (FT, n. 50).

139. Comunicar é gerar comunhão, é promover encontros. Para tal, é preciso compreender que o modo institucional de se comunicar, dependendo do interlocutor ao qual se dirige, está ultrapassado e pode ser pouco eficiente. Uma coisa é a comunicação institucional, com os informativos e boletins. Esta não deve ser abandonada, mas é preciso estar atento aos nativos digitais, que convivem constantemente com as telas, bombardeados por informações de todos os lados, e de forma cada vez mais acelerada. Para estes, não basta que a informação seja transmitida, mas, se possível, que ela seja interativa e dinâmica. Essa interação, se bem aproveitada, pode gerar um ambiente de comunhão e, posteriormente, resultar em atividades presenciais, estreitando os laços e aprofundando a mensagem.

Partir do coração do Evangelho

140. Há o risco atualmente de reduzir a comunicação — nesse caso, a comunicação vocacional — a questões técnicas de marketing. Como se a atração por Jesus Cristo pudesse ser artificialmente despertada na promoção de uma peça publicitária. Isso fica ainda mais patente no que tange às vocações, elas nascem por graça de Deus em contextos de um testemunho autêntico, que se comunicam na linguagem da proximidade e da doação. Dificilmente uma publicação que apenas utiliza bem os recursos técnicos do marketing digital ou da produção audiovisual terá a força de comunicar o ardor do Evangelho que incendia o coração dos vocacionados(as).

141. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco destacou a necessidade da Igreja aprimorar a forma como comunica a mensagem do Evangelho. Diante da rapidez das comunicações e da seleção parcial dos conteúdos pelos meios de comunicação, existe o risco de a mensagem cristã ser apresentada de maneira fragmentada, limitada apenas a aspectos secundários. Uma pastoral verdadeiramente missionária não deve se preocupar em transmitir uma grande quantidade de doutrinas de forma desarticulada ou impositiva. Ao contrário, quando se adota uma abordagem pastoral

com foco missionário, o anúncio do Evangelho deve priorizar o essencial, aquilo que é mais belo, relevante, atraente e necessário para a vida das pessoas (EG, n. 34-35).

142. Nesse sentido, é fundamental que a comunicação vocacional não perca o frescor e o perfume do Evangelho. Que a mensagem conserve uma unidade orgânica em torno do principal anúncio: o convite, “antes de tudo, a responder a Deus, que nos ama e salva, reconhecendo-o nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos” (EG, n. 39).

Prudência com a Inteligência Artificial

143. O uso da tecnologia também chama a atenção, ainda mais na história recente, em que os avanços estão cada vez mais rápidos, sem nem sempre serem acompanhados pela ética e respeito. O uso da inteligência artificial, por exemplo, ganha cada vez mais espaço, e se, por um lado, pode representar uma ajuda, por outro, gera preocupação e receio, inclusive da Igreja.

144. Em fevereiro de 2025, na cidade de Paris, ocorreu o encontro da *Cúpula de Ação sobre Inteligência Artificial*, e o Papa Francisco encaminhou uma mensagem, felicitando a iniciativa, mas demonstrando preocupação com o uso indiscriminado da IA (Inteligência Artificial), como já havia feito na mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2024. Não faltou em sua palavra um apelo para que sejam considerados mais profundamente os impactos sociais da IA nas relações, na informação e na educação.³⁵

145. Esse alerta do Papa Francisco relativamente ao uso desordenado da IA deve ressoar em todos os membros de nossas comunidades, ainda mais nos animadores vocacionais. Ela pode, em um primeiro momento, facilitar alguns processos; mas, se usada sem moderação, é capaz de se tornar meramente tecnicista, desvalorizando o olhar pessoal e pastoral tão necessário à maturação de uma vocação.

³⁵ Francisco, *Mensagem do Papa Francisco à Cimeira sobre a Inteligência Artificial*.

Missionários no continente digital

146. O Ressuscitado, em sua última conversa com os Discípulos, antes da Ascensão, dirige-lhes estas palavras: “sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e na Samaria, até os confins da terra” (At 1,8). Durante o Sínodo sobre a Sinodalidade, em Roma, os Padres sinodais discutiram sobre o continente digital, reconhecendo que a internet é um novo território de missão, logo, não é exagero, ainda que de modo alegórico, acrescentar esse novo território no colóquio do Ressuscitado. É preciso ser testemunhas autênticas nesses espaços; para “além da nossa capacidade de alcançar outras pessoas com um conteúdo religioso interessante, nós cristãos deveríamos ser conhecidos pela nossa disponibilidade para escutar [e] discernir antes de agir” (RPP, n. 77).

147. Nos últimos anos, principalmente no Brasil, cresceu o número de influenciadores católicos ou missionários digitais que contribuem com a missão de evangelização da Igreja, levando formação e espiritualidade às pessoas no ambiente digital. Iniciativa louvável, sem dúvidas, mas que merece atenção, uma vez que alguns podem se aproveitar desse espaço para desinformar, semear discórdias e até mesmo fortalecer uma religiosidade que fere a comunhão e alimenta posições extremistas, contradizendo os bispos, o Magistério Pontifício e o Concílio Vaticano II. É preciso ter maior atenção com os vocacionados(as) que reproduzem informações e ideias advindas de influenciadores que não fomentam a comunhão eclesial, ajudando-os a cultivar uma sadia compreensão da fé e a compreender a vocação como serviço a todo Povo de Deus.

148. A missão digital, se bem conduzida, pode contribuir com o despertar vocacional, mas deve sempre apontar para a comunidade concreta e real, afinal, é por intermédio dela que é possível a escuta, o discernimento e o acompanhamento das vocações. Por isso, a Igreja tem olhado com cuidado para essa realidade, sempre lembrando que ela deve apontar para a vida comunitária, local do encontro, do testemunho e da missão.



- Quais atitudes uma comunidade precisa cultivar para ser um ambiente de animação vocacional?
- Como nossas comunidades podem exercitar a conversão permanente das atitudes que enfraquecem o seu testemunho vocacional?
- Que meios e estratégias sua comunidade utiliza para comunicar a mensagem vocacional às juventudes?
- Como garantir uma comunicação essencial e integral do anúncio vocacional no mundo digital?

Envie as respostas às questões por meio do QRcode ao lado.



Obs.: Por comunidade entende-se as pequenas comunidades eclesiais, as paróquias, dioceses, regionais, institutos religiosos e de vida consagrada, novas comunidades, grupos pastorais, movimentos e afins.

PARTE IV: MISSÃO

Carismas, vocações e ministérios para a missão

149. A comunidade vocacional que a Igreja é chamada a se tornar só pode originar-se e renovar-se por meio da conversão missionária das suas estruturas e atitudes. A razão desse chamamento se encontra no próprio mistério da Igreja, cuja identidade se desvela mais claramente em sua fisionomia missionária vocacional. Inspiradas pelas primeiras comunidades cristãs, as comunidades de hoje são convocadas a viver neste tempo a comunhão dos que são “um só coração e uma só alma” (At 4,32), porque são membros do mesmo Corpo eclesial (cf. 1Cor 10,17) e nutridos com o mesmo Pão e o mesmo Cálice, enviadas como sinal de comunhão no amor, mediante o qual são reconhecidas como comunidades de Jesus (DAp, n. 158-161).

150. A experiência apostólica do encontro pessoal com Cristo se dá em termos de discipulado e missão. Jesus chama livremente quem Ele quer que o siga em vista de lhe confiar uma missão: “vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mc 1,17). De fato, o chamado ao discipulado e o envio missionário são momentos intimamente ligados da mesma ação que configura, no fiel, a identidade cristã. Essa relação essencial entre vocação e missão do cristão pode ser caracterizada nas seguintes palavras: “quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva” (DAp, n. 146).

151. Destaca-se, aqui, como a Conferência de Aparecida interliga vocação e missão pelo binômio discípulos-missionários (DAp, n. 11). A vocação é sempre um acontecimento de encontro com o Cristo que deve ser anunciado, e a missão é extensão testemunhal da vocação (DAp, n. 144-145). É à luz dessa dinâmica, do discípulo chamado e enviado, que se elucida a interdependência existente entre as dimensões vocacional e missionária na ação evangelizadora da Igreja. Essa relação exprime-se bem em termos de uma orientação missionária da animação vocacional e de uma animação vocacional da ação missionária.

152. Investir em uma ação evangelizadora mais consciente da vocação e missão como dimensões constitutivas e complementares da Igreja certamente pode contribuir no enfrentamento da crise de identidade e declínio do fervor dos discípulos missionários. Como observou o Papa Francisco, “nota-se, em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade” (EG, n. 78).

153. A constatação do Papa Francisco toca as realidades preocupantes de vocações sem ardor missionário e de missões sem identidade vocacional. De fato, há vocacionados(as) que não se abrem à missão, da mesma forma como há missionários que não se dedicam a chamar. É preciso entender que uma vocação sem missão é um ato de destruição, porque impede o vocacionado(a) de transformar sua vida em oferta (EG, n. 273), e uma missão sem vocação é um ato despersonalizante, uma vez que o missionário vive sua atividade sem se envolver de modo integral, conseqüentemente, sem força de *pro-vocação* (EG, n. 261).

154. Uma resposta das comunidades ao desafio de formar vocações para a missão e de constituir missões abertas às vocações deve se enraizar na própria compreensão integral da tarefa de despertar, acompanhar e formar discípulos missionários. A partir de uma perspectiva vocacional e missionária, o compromisso é de reler e encarnar o Evangelho na história de hoje, mostrando a seguinte verdade: acompanhar uma pessoa na descoberta de sua vocação significa, na realidade, ajudá-la a enxergar-se inteiramente humana, consciente de ser uma missão nesta terra.

A missão de despertar discípulos missionários

155. A condição do discípulo missionário brota de Jesus Cristo, pela fé e pelo Batismo, e cresce na Igreja, comunidade na qual todos os membros adquirem igual dignidade e participam de diversos ministérios e carismas (DAp, n. 184). A consciência que se aprofunda na Igreja no Brasil, desde o II Ano Vocacional, de 2003, de ser o Batismo a fonte de todas as vocações tem permitido às comunidades enxergarem-se como assembleia de vocacionados(as), cultivando uma compreensão de sua identidade e missão em que

cada membro se reconheça como pessoa chamada pelo Pai, escolhida pelo Filho e enviada em missão pelo Espírito Santo (CVB 2019, n. 21). O Sínodo sobre a Sinodalidade consagra essa compreensão eclesial quando afirma: “as diversas vocações eclesiais são, de fato, expressões múltiplas e articuladas do único chamado batismal à santidade e à missão” (PIS, n. 57).

156. À animação vocacional importa sempre partir ou recomeçar de uma espiritualidade batismal, pois essa é a identidade da comunidade e de cada um de seus membros. “É, portanto, do Batismo, no qual Cristo nos reveste de si mesmo (cf. Gl 3,27) e nos faz renascer pelo Espírito (cf. Jo 3,5-6) como filhos de Deus, que nasce a Igreja sinodal missionária” (PIS, n. 15). Nesse sentido, enfatiza-se que a animação vocacional em uma comunidade corresponde à sua missão quando a mantém aberta a ser mãe de todas as vocações. Cultivando essa espiritualidade, as comunidades podem crescer na consciência do dom e da responsabilidade com o nascimento, crescimento e missão dos discípulos missionários.

A missão de acompanhar discípulos missionários

157. Além de despertar a consciência vocacional do Batismo, uma comunidade deve também aprender a arte do acompanhamento dos seus vocacionados(as). O acompanhamento, seja pessoal ou grupal, começa com a aproximação. A proximidade, principalmente com as juventudes, é extremamente importante para gerar confiança. Vale aqui a sensibilidade de se aproximar sem invadir o espaço, sem ignorar a experiência vivida. É importante acompanhar a partir da história pessoal de vida de cada um, sem julgamentos, realizando uma escuta com o coração.

158. O animador vocacional nas comunidades deve ser aquele que acompanha o jovem, ajudando-o a narrar-se e a narrar, a remontar a trama das histórias humanas em que está inserido, sabendo que o fio condutor que interliga a totalidade é a história do amor de Deus pelo ser humano. Na arte do acompanhamento, o animador vocacional realiza um papel fundamental: ajuda o jovem a refletir sua imagem como totalidade, amada e chamada por Deus a dar o passo da fé e dedicação ao Senhor, na Igreja a serviço da humanidade.

159. Jesus acompanhou o grupo dos seus Discípulos, partilhando com eles a vida. A experiência comunitária põe em evidência qualidades e limitações de cada pessoa, aumentando a consciência humilde de que, sem a partilha dos dons recebidos para o bem de todos, não é possível seguir o Senhor (JFD, n. 96).

A missão de formar discípulos missionários

160. A Igreja já tem muitos lugares e recursos para a formação de discípulos missionários: as famílias, as pequenas comunidades, as paróquias, as agregações eclesiais, os seminários, as comunidades religiosas, as instituições acadêmicas, mas também os lugares de serviço e de voluntariado com os marginalizados, as experiências missionárias e de voluntariado. Em todos esses ambientes, a comunidade exprime a sua capacidade de educar no discipulado e de acompanhar no testemunho, em um encontro que, muitas vezes, faz interagir pessoas de diferentes gerações, dos mais jovens aos mais idosos. Na Igreja, ninguém é mero destinatário da formação, pois todos são sujeitos ativos e têm algo para dar ao próximo.

161. Um olhar integral para a vocação do discípulo missionário precisa também considerar a sua formação inicial e permanente. O amadurecimento de uma vocação demanda um processo integral e integrador das dimensões da pessoa humana, em um projeto educativo que, gradualmente, consiga “reconduzir a Cristo todos os aspectos da sua personalidade” (RFIS, n. 29).

162. As mais variadas fraquezas ou dificuldades podem ser encontradas no processo formativo dos discípulos missionários. Como aconteceu com a comunidade de Jesus, há dificuldade em compreender a novidade de sua proposta (cf. Mc 4,13-20), há também interesses de poder que se sobrepõem ao serviço (Mt 20,20-28). Mesmo no momento mais crucial da vida de Jesus eles têm medo, duvidam, dormem, fogem e o negam (cf. Lc 22,39-46.54-65). Cristo, com efeito, não desiste daquele que Ele chamou; pode-se perceber isso na figura de Pedro, pois, mesmo depois de tantas irreverências (cf. Mc 8,31-33), ele é escolhido para liderar a comunidade nascente (cf. Mt 16,18).

163. A conduta de Jesus Cristo permite compreender que o cuidado pastoral que o Senhor chama as comunidades vocacionais a dispensar às vocações precisa ser integral, capaz de unificar a vida em torno de seu centro existencial: o coração (DN, n. 15-16). Cada etapa da vida reserva um chamado a se configurar mais profundamente ao Cristo, chamado a um mergulho profundo na contemplação de sua pessoa e um gradual enraizamento de sua fisionomia de profeta, sacerdote e pastor (RFIS, n. 68-69). Por isso, o projeto para formação de discípulos missionários precisa responder não apenas às questões circunstanciais do cuidado vocacional, mas abrir-se a um processo mais estrutural da dinâmica de amadurecimento de uma vocação, por meio de um itinerário vocacional que compreenda todas as etapas da vida.

O compromisso de ser comunidade vocacional

164. A Igreja, que, por inata constituição, é vocação, é também geradora e educadora de vocações. O nível de maturidade cristã de uma comunidade pode ser medido pela sua consciência vocacional missionária. Acontece que, como Povo de Deus que anuncia e testemunha a Boa-Nova da Salvação, as comunidades são chamadas não apenas a incorporar novos membros pelo Batismo, mas a conduzi-los à plena participação em sua missão, segundo a variedade das vocações, carismas e dos ministérios (JFD, n. 17; n. 21).

165. Comprometer-se com o chamado a ser comunidade vocacional e missionária é o apelo que se deve dirigir hoje a todas as comunidades católicas espalhadas pelo Brasil. A diversidade continental que caracteriza a Igreja no Brasil não é um fator que impede o comprometimento comum com a formação de comunidades vocacionais, ao contrário, é um incentivo à criatividade que encarna nas realidades locais o que, na catolicidade, é partilhado em comum. Que as orientações e indicações que a seguir serão compartilhadas para reflexão sirvam à harmonia dessa diversidade da Igreja, para que caminhe gerando comunidades vocacionais.

O compromisso da comunidade diocesana

166. O caminho para uma nova evangelização mais sintonizada com as dimensões vocacional e missionária da Igreja depende do engajamento institucional e pessoal de organismos e sujeitos eclesiais. A princípio, conta-se com a articulação e a coordenação da Diocese, segundo o dever dos bispos de incentivar a “[animação] vocacional e zelar pela estreita cooperação entre todos os esforços e trabalhos” (OT, n. 2). A intuição inovadora do 2º Congresso Vocacional do Brasil de aperfeiçoar a *Pastoral Vocacional* com a *Animação Vocacional* de todas as vocações, vindo à constituição do SAV (CVB 2005, n. 48), continua a provocar as Igrejas particulares a conceber e concretizar modalidades de cuidado pastoral em que as iniciativas de animar e despertar as vocações se conjuguem harmonicamente com processos específicos de acompanhamento vocacional.

167. Mantendo um saudável equilíbrio entre essas tarefas, vem a ser possível favorecer projetos em que o despertar vocacional aconteça com a colaboração de vários sujeitos vocacionais, sem descuidar de que os processos de acompanhamento de vocações específicas se deem nos ambientes e com os acompanhadores próprios. Ainda, como incentivo a Sínodo da Juventude, deseja-se que nas Dioceses se proponham itinerários cada vez mais integrais e permanentes para o despertar, o acompanhamento e a formação de discípulos missionários (ChV, n. 141).

O compromisso da comunidade paroquial

168. As paróquias, “células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial” (DAp, n. 170), são chamadas a promover a consciência entre os batizados do dom universal da vocação e a incentivá-los a responder a esse chamado tornando-se agentes da evangelização.

169. A crise das paróquias relaciona-se diretamente com a crise das vocações, não somente com o fato de haver redução de vocações aos ministérios ordenados e à vida consagrada, mas de faltar às comunidades a abundância suficiente dos carismas e ministérios para a evangelização. Enquanto a iniciação e o amadurecimento na fé não comportarem uma orientação clara para o discernimento vocacional e o compromisso

evangelizador, exigências decorrentes do Batismo, os cristãos continuarão se “aproveitando da paróquia e dos seus serviços em vez de se sentirem chamados e enviados para a salvação de todos”.³⁶

170. O Papa Francisco, aliás, constatava que o adoecimento vocacional das comunidades se devia propriamente à falta de ardor missionário: “Onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas (EG, n. 107). À medida que uma paróquia se reencontra com seu rosto evangelizador, com sua vocação de chamar e enviar em nome do Ressuscitado, também os fiéis se reencontram com sua identidade cristã, passam a pedir na oração um coração mais discipular e missionário e a desejar com mais ardor que seus jovens sejam despertados pelo Senhor da messe para o serviço da colheita do Reino (cf. Mt 9,37-38).

171. Contribui para a vivência da Cultura Vocacional nas paróquias o SAV-Paroquial, não apenas quando articula eventos vocacionais, mas, sobretudo, ao sustentar cotidianamente a consciência do dever de chamar e enviar, o qual concerne à identidade paroquial. Ainda, deverão as comunidades considerar como ambientes vocacionais os sinais dos tempos atuais: o florescimento de grupos de servidores do altar,³⁷ o entusiasmo juvenil por retiros e encontros de espiritualidade, a procura por acompanhamento espiritual entre jovens e adultos e o interesse por conteúdos digitais de cunho vocacional.

O compromisso dos cristãos leigos e leigas

172. Os cristãos leigos e leigas, “chamados a contribuir tanto para a vida da comunidade cristã como para o desenvolvimento da sociedade nas suas múltiplas dimensões” (PIS, n. 57), têm a necessidade de articular processos vocacionais adequados à animação e ao acompanhamento das vocações leigas.

173. A diversidade dos serviços leigos, o carisma das novas comunidades, os ministérios instituídos e não instituídos decorrem do único chamado batismal e requerem a construção de novos processos

³⁶ Cf. Amedeo Cencini, *Uma paróquia vocacional*, p. 9.

³⁷ Leia-se: coroinhas, cerimonários e outras nomenclaturas usadas habitualmente nas comunidades, de acordo com a cultura local.

de convocação e formação do laicato que lhes permitam participar da ação evangelizadora da Igreja não simplesmente como voluntários, mas enquanto discípulos missionários, corresponsáveis pelo Reino (DAp, n. 174).

174. Especial atenção devem receber os ministérios leigos instituídos do acolitado, leitorado e catequista, de modo que se estabeleça uma compreensão reta de sua identidade e missão, cujo significado não se reclinasse à clericalização do leigo, mas sustente-se em “uma referência mais precisa à responsabilidade que nasce, para cada cristão, do Batismo e da Confirmação”.³⁸

O compromisso da família

175. Os esposos, como observa o Sínodo sobre a Sinodalidade, não são apenas destinatários do cuidado pastoral, mas autênticos protagonistas da missão de formar uma família, edificar a Igreja e empenhar-se na sociedade (PIS, n. 64). Fomentar a consciência de ser o Matrimônio uma vocação que demanda uma escolha dos noivos mediante um processo de discernimento (AL, n. 72) continua a ser um desafio para a ação evangelizadora da Igreja, especialmente para a animação vocacional.

176. É indispensável uma animação vocacional e missionária da Pastoral Familiar que possa contribuir na compreensão da graça e missão do vínculo matrimonial, particularmente encarnando a sensibilidade da missão do homem e da mulher no amor: “a de se tornarem, um ao outro, mais homem e mais mulher. Fazer crescer é ajudar o outro a moldar-se na sua própria identidade” (AL, n. 221). Consecutivamente, essa pastoral deve ajudá-los a reconhecer e valorizar o chamado a cumprir a missão educativa dos filhos(as), que os transforma em verdadeiros ministros educativos (AL, n. 85).

O compromisso das comunidades formativas

177. A tarefa específica da formação integral dos candidatos ao ministério ordenado e à vida consagrada masculina e feminina continua a ser um importante desafio para a Igreja. Destaca-se também a importância

³⁸ Francisco, *Carta ao prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé sobre o acesso das mulheres aos ministérios do Leitorado e Acolitado*.

de uma formação cultural e teológica sólida para a vida consagrada. Com relação aos formadores, é necessário que estejam culturalmente preparados, mas devem, ao mesmo tempo, ser capazes de manter relações fraternas, de uma escuta empática e de profunda liberdade interior, e que enxerguem o humano em cada formando e não apenas sua opção vocacional.

178. Ser formador hoje, é uma missão bela e sublime, porém, mais desafiadora do que nunca. Ajudar os jovens no processo de configurar-se a Cristo não é tarefa fácil, especialmente em um contexto que se caracteriza por mudanças tão radicais. A formação deverá estar atenta em radicar no coração dos jovens os valores humanos, espirituais e carismáticos necessários para fazê-los idôneos e realizados com a sua vocação. Os formadores nem sempre conseguem, por si mesmos, compreender o perfil dos novos vocacionados(as) e, conseqüentemente, correm o risco de não lidar com questões formativas que são de suma importância nos atuais cenários em que se encontra cada pessoa.

179. Para um acompanhamento adequado, será necessário um trabalho sério e competente de equipes formativas plurais, que incluam figuras femininas, em que interajam diferentes vocações e que levem em consideração o auxílio de várias ciências, transformando a formação em um ambiente integral e integrador. Nesses aspectos se dá uma pequena, mas preciosa, forma de sinodalidade, que influencia a mentalidade dos jovens na sua formação inicial.

180. A comunidade formativa precisa refletir claramente seu caráter missionário. Um dos principais desafios enfrentados pelos seminários e casas de formação é incorporar de maneira efetiva a dimensão missionária em seus programas, indo além de simples experiências pontuais, visitas ocasionais ou atividades restritas aos fins de semana. A missão deve permear o modo de viver da comunidade, tornando-se parte essencial de sua vocação. Reconhecer a missão comum como elemento central da formação implica, por sua vez, em aprofundar melhor o magistério da Igreja e a missiologia nos currículos de ensino. Além disso, é fundamental que os formandos estejam inseridos nas realidades de suas Igrejas particulares, conhecendo sua história, seu povo e os desafios pastorais presentes nos planos de evangelização. Da mesma forma, é importante que tenham contato com as realidades das Igrejas vizinhas, desenvolvendo, assim, um senso de pertença e compromisso com as necessidades e os desafios regionais.

181. A formação deve procurar desenvolver nos futuros pastores e pessoas consagradas a capacidade de exercer o seu papel de liderança com autoridade, mas não de modo autoritário, educando os jovens candidatos para se doarem em prol da comunidade e da missão. Há que se prestar particular atenção a determinados critérios de formação, tais como a superação de tendências para o clericalismo, a capacidade de trabalhar em equipe, a sensibilidade pelos pobres, a transparência de vida e a disponibilidade em deixar-se acompanhar (JFD, n. 163).

O compromisso dos ministros ordenados

182. Os ministros ordenados, em razão do ofício que prestam à unidade e harmonia dos serviços, carismas e ministérios, encontram-se comprometidos de modo essencial com a animação vocacional e missionária da evangelização e o acompanhamento das vocações específicas. Espera-se dos bispos, como pastores e pais, a proximidade amorosa que confirma na vocação e missão o Povo de Deus, em particular, os presbíteros e diáconos.³⁹

183. Por sua vez, conta-se com a solicitude dos presbíteros e diáconos permanentes no fomento de um ambiente vocacional e missionário nas comunidades e a responsabilidade pessoal com o despertar e o acompanhamento espiritual dos que lhes procuram com inquietações vocacionais. Sendo homens que também estão em busca de responder com fidelidade à sua vocação, devem considerar sua própria formação permanente como uma tarefa evangelizadora de relevante importância, porque, no cuidado integral com seu ministério, os ministros ordenados renovam as motivações que mantêm vigorosas suas vocações em todas as etapas da vida (DAp, n. 200).

184. É indispensável uma atenção especial à formação daqueles ministros ordenados que articulam a animação e os processos de discernimento ao diaconato permanente e ao presbiterado. Quando se ocupam da missão de acompanhar candidatos aos seminários, além de trabalharem em sintonia com os formadores, precisam ser preparados para as modalidades de acompanhamento comunitário e de grupo e para

³⁹ Francisco, *Discurso aos Bispos participantes no curso de formação promovido pela Congregação para os Bispos e Congregação para as Igrejas Orientais*.

O compromisso da vida consagrada

185. A vida consagrada é um dom do Pai, por meio do Espírito, à sua Igreja, e constitui elemento decisivo para sua missão. Expressa-se na Vida Eremítica, na Ordem das Virgens Consagradas, nos Institutos Religiosos, nos Institutos Seculares e nas Sociedades de Vida Apostólica. É um caminho de especial seguimento de Cristo, para dedicar-se a Ele com coração indiviso e colocar-se, com Ele, a serviço de Deus e da humanidade, assumindo a forma de vida que Cristo escolheu para vir a este mundo: vida virginal, pobre e obediente (DAp, n. 216).

186. Cada expressão da vida consagrada é chamada a encarregar-se do contato com os jovens, de uma pedagogia evangélica do seguimento de Cristo e da transmissão do seu carisma. Comunicar a própria experiência de vida significa sempre fazer memória dela, revendo aquela luz que guiou a escolha pessoal da vocação.

O compromisso de todos com uma Comunidade Vocacional

187. Como Igreja e a serviço de sua missão evangelizadora, todas as instituições e agentes comprometidos com a animação e o cuidado das vocações são hoje convocados a serem sinodais, “isto é, formando um *caminhar juntos*” (ChV, n. 206). A propósito, também a animação vocacional se encontra provocada pelo processo sinodal, instigada a dar sua contribuição para que a Igreja se reúna em torno da sua vocação como “sujeito comunitário e histórico da sinodalidade e da missão” (PIS, n. 17).

188. Muito já se trilhou no caminho da valorização de todos os serviços, carismas e ministérios. Não faltam iniciativas de harmonia vocacional.

Mas, para o hoje da Igreja, há um chamado particular que provoca instituições e vocações específicas a agir em união (PIS, n. 118), isto é, agir com maior colaboração, interação e complementaridade. Cuidar das vocações, nesse sentido, implica agir com um olhar mais integral, pelo qual seja possível projetar uma animação vocacional mais articulada e unificada com todos os momentos de uma história vocacional: chamado, discernimento e acompanhamento, formação inicial e permanente, missão e finitude da vida dos discípulos missionários. Além disso, que as respostas aos desafios vocacionais e missionários do hoje e do amanhã sejam fruto da corresponsabilidade de todos, de uma Igreja que caminha contando com todos e que transpareça sua identidade vocacional e missionária na comunhão entre todos e na vida e serviço de cada um de seus membros.



- O que causa distanciamento entre as atividades vocacionais e as atividades missionárias nas comunidades?

- Partilhe experiências de sua comunidade de atividades que congreguem a dimensão missionária e vocacional.

- Como o SAV pode contribuir para uma maior reflexão e atitudes missionárias na Igreja?

- Quais compromissos eclesiais e pessoais você compreende ser necessário que nossas comunidades assumam para conseguirem responder aos desafios atuais da animação, formação e missão dos discípulos missionários?

Envie as respostas às questões por meio do QRcode ao lado.



Obs.: Por comunidade entende-se as pequenas comunidades eclesiais, as paróquias, dioceses, regionais, institutos religiosos e de vida consagrada, novas comunidades, grupos pastorais, movimentos e afins.

CONCLUSÃO

O 5º Congresso Vocacional do Brasil propõe, desde o início de suas reflexões, ao menos dois grandes desafios à Igreja no Brasil. O primeiro consiste em recolher e valorizar as experiências positivas já vivenciadas em tantas comunidades espalhadas pelos quatro cantos do país, nas quais, com simplicidade e criatividade, se constituem verdadeiras comunidades vocacionais. Para essas comunidades, o Congresso representa um momento de encorajamento, para que permaneçam firmes e unidas na missão da animação vocacional, convocando todas as pessoas à missão.

O segundo desafio, talvez mais exigente, é despertar comunidades e pessoas, para que se tornem, de fato, autênticas comunidades vocacionais. Que cada espaço eclesial seja lugar de encontro que alegra e anima, de testemunho que atrai e motiva, e de missão que encoraja e desafia. Com tais propósitos, nunca faltará o pão partilhado, que alimenta e revigora as forças, mantendo a unidade e a perseverança entre todos.

É fundamental recordar que, no caminho de construção de uma cultura vocacional, toda comunidade, independentemente de seu tamanho, sempre tem algo a acolher e aprender, bem como algo a oferecer e ensinar. Trata-se de perceber que uma nova realidade precisa emergir, pois as sementes e as redes já foram lançadas; basta, agora, iniciar a colheita ou puxar as redes para constatar que os frutos são abundantes e estão próximos. Tudo isso, mais do que mérito, é graça de Deus.

As primeiras comunidades cristãs, com suas fragilidades e forças, luzes e sombras, conforme recorda este Texto-Base, são fonte de inspiração. Nas comunidades vocacionais, onde se experimentam o encontro, o testemunho e a disponibilidade para a missão, mesmo diante de desafios, é possível criar um ambiente propício para o itinerário vocacional: despertar, discernir, acompanhar e cultivar as vocações. O SAV, mais do que uma busca por resultados, é uma experiência que se realiza no caminho e pelo caminho.

Ao concluir o Texto-Base, compreende-se melhor que toda a comunidade eclesial, e, conseqüentemente, o SAV, não deve medir esforços para que a ação evangelizadora em prol das vocações esteja inserida na dinâmica da missão.

sinodal. Portanto, este Congresso não é um evento isolado, mas parte de um processo necessário e contínuo.

O 5º Congresso Vocacional do Brasil, atento à escuta das comunidades, dos Regionais, das instituições e dos diversos grupos que refletem sobre a vida e a missão da Igreja, encontra-se no meio de um processo que necessita da colaboração de todos. Vislumbra-se que este material alcance as mais variadas configurações eclesiais: Dioceses, com suas paróquias e redes de comunidades, expressões de organização do laicato, novas comunidades (de vida e aliança), movimentos eclesiais, comunidades religiosas e de vida consagrada, ministros ordenados, famílias e ministérios instituídos e não instituídos. Por meio dos congressos preparatórios, sejam regionais e/ou diocesanos, convida-se à reflexão e ao amadurecimento de ideias e propostas que, discernidas e acolhidas, serão implementadas a seu tempo.

Que todos, comunidades e pessoas, sejam partes engajadas e comprometidas nesse processo, por meio do encontro, do testemunho e da missão. É hora de partilhar o pão, para que, perseverantes e bem unidos, todos cheguem à casa da Mãe Aparecida, movidos pelo Evangelho da Vocação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APRESENTAÇÕES e tendências digitais. **COMSCORE**, 2023. Disponível em: edicoescnbb.info/TendenciasDigitais2023. Acesso em: 10 mar. 2025.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas Est**: sobre o amor cristão. (Documentos Pontifícios, 1). Brasília: Edições CNBB, 2007.

BENTO XVI. **Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais**: Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital. (Mensagens). Vaticano, 5 de junho de 2011.

BRASIL. **Censo 2022**. **IBGE**, 2022. Disponível em: censo2022.ibge.gov.br/panorama/. Acesso em: 19 maio 2025.

CATECISMO da Igreja Católica. Brasília: Edições CNBB, 5. ed. 2022.

CELAM. Documento de Aparecida: Documento Conclusivo da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília-São Paulo: Edições CNBB-Paulinas-Paulinas, 2008.

CENCINI, Amedeo. **A árvore da vida**: proposta de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007.

CENCINI, Amedeo. **Construir cultura vocacional**. São Paulo: Paulinas, 2013.

CENCINI, Amedeo. **Os passos do discernimento**. São Paulo: Paulinas, 2022.

CENCINI, Amedeo. **Uma paróquia vocacional**: Pedagogia da vocação na comunidade paroquial. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CERASO, Gabriella. **O Papa**: a autoridade não é comando, mas coerência e testemunho. *Vatican News*, 2020. Disponível em: edicoescnbb.info/VerdadeiraAutoridadeCoerenciaTestemunho. Acesso em: 2 maio 2025.

CNBB. Carta aos Presbíteros. (Documentos da CNBB, 75). Brasília: Edições CNBB, 2024.

CNBB. Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais. (Documentos da CNBB, 85). Brasília: Edições CNBB, 2019.

CNBB. Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários. (Documentos da CNBB, 107). Brasília: Edições CNBB, 2017.

CNBB. Veredas Vocacionais: textos conclusivos dos Congressos Vocacionais do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2013.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA. Texto-Base do 3º Ano Vocacional do Brasil – Vocação: Graça e Missão. Brasília: Edições CNBB, 2022.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA; PASTORAL VOCACIONAL NACIONAL. *Texto-Base do 4º Congresso Vocacional do Brasil.* Brasília: Edições CNBB, 2019.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja: Documento Final.* (Documentos da Igreja, 48). Brasília: Edições CNBB, 2021.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. *In*: CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II: Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 75-173.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. *In*: CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II: Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 199-329.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Optatam Totius*: sobre a formação sacerdotal. *In*: CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II: Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 455-480.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese.* São Paulo: Paulinas, 2009.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis.* (Documentos da Igreja, 32). Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Para vinho novo odres novos: A vida consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto.* (Documentos da Igreja, 35). Brasília: Edições CNBB, 2017.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais.* (Documentos da Igreja, 70). Brasília: Edições CNBB, 2023.

DICIONÁRIO de espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 1989.

DIZIONARIO di pastorale vocazionale. Roma: Editrice Rogate, 2002.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. *In*: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade.* Brasília: Ministério da Educação, 2007.

FRANÇA, Dom Cícero A. *Direção espiritual e aconselhamento pastoral.* Aparecida: Editora Santuário, 2024.

FRANCISCO. *Angelus.* Vaticano, 13 de dezembro de 2020.